

EMERSON RICARDO GIRARDI

**PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E WEBER:  
O ELO OTTO GROSS**

Monografia de conclusão do Curso de  
Especialização em Psicologia Clínica: Teoria Psicanalítica  
Orientador: Ines Rosa Bianca Loureiro

COGEAE - PUC/SP

2013

## **PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ENTRE FREUD E WEBER: O ELO OTTO GROSS**

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como principal objetivo traçar linhas de fronteira teórica entre dois pensadores da transição do século XIX para o século XX na Europa: Sigmund Freud e Max Weber. Para tanto, serão abordados os posicionamentos de Freud e Weber no tocante às ideias do psiquiatra alemão Otto Gross.

Otto Gross foi discípulo de Freud e teve contato pessoal e teórico com Weber, tornando-o um elo comum entre Weber e Freud.

Sobretudo a partir das críticas feitas por Freud e Weber a Gross, essa monografia tentará elucidar alguns possíveis pontos de contato entre Freud e Weber, bem como sugerir como estas ligações contribuíram de forma importante na constituição de suas obras.

Além disso, secundariamente este trabalho visa a promover ligações entre a Psicanálise e as Ciências Sociais como áreas do conhecimento que se dedicaram à compreensão e crítica do indivíduo moderno e de suas vicissitudes. Assim, busca-se um diálogo entre a esfera do psíquico com o social, de modo a elucidar temáticas que se tornam mais claras a partir de uma abordagem interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Erotismo, Racionalidade, Psicanálise e Ciências Sociais, Otto Gross, Max Weber, Sigmund Freud.

## **Agradecimentos**

À minha amada esposa Patrícia, mulher guerreira que assumiu muitos compromissos para que eu pudesse me dedicar a este e a outros projetos.

À minha filha Maria Valentina, pedaço de mim que é e sempre será fonte de inspiração e determinação para as minhas conquistas.

À minha orientadora e professora Ines Loureiro que muito me ajudou com todo o processo de elaboração da pesquisa, com seus profundos conhecimentos e com a sua valorosa dedicação.

Aos colegas e professores do curso de Teoria Psicanalítica do COGEAE/PUC-SP que foram solidários e solícitos com um cientista social que se aventurou no mundo da Psicanálise.

E à todos aqueles que colaboraram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho.

## **Sumário**

<b>Apresentação</b> .....	<b>6</b>
<b>Introdução: Modernidade, Sociologia e Psicanálise</b> .....	<b>10</b>
<b>Capítulo 1: Otto Gross</b> .....	<b>17</b>
<b>Capítulo 2: Weber e Gross</b> .....	<b>22</b>
<b>Capítulo 3: Freud e Gross</b> .....	<b>29</b>
<b>Capítulo 4: Freud e Weber</b> .....	<b>37</b>
<b>Considerações finais</b> .....	<b>45</b>
<b>Bibliografia</b> .....	<b>47</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>50</b>

“Você conhece minha crença de que uma vida nova e harmoniosa só pode surgir através da decadência – e que esta maravilhosa era em que vivemos está destinada como era da decadência, a ser o útero do grande futuro”.

(Otto Gross a Frieda Weekly).

## Apresentação

Como graduado em Ciências Sociais, sempre tive ao longo de minha formação intelectual uma lacuna acerca do entendimento das questões individuais e ligadas ao psiquismo. Como é próprio de uma graduação predominantemente organizada pelo discurso das Ciências Sociais como a Sociologia, a Antropologia, a Ciência Política, a Economia e a Estatística, a observação do fenômeno humano concentrava-se na abordagem que primava pelo coletivo em detrimento ao individual.

No entanto, na busca de explicações com outro enfoque, a Psicanálise surgiu como um meio de alcançar um caminho que permitisse a elucidação de questões do indivíduo e do psiquismo de uma forma diferenciada daquela literatura já consagrada no campo das Ciências Sociais. Assim, o interesse pelo curso de Teoria Psicanalítica e pela sua temática apareceu como necessário para a satisfação de meus interesses acadêmicos e intelectuais.

Além disso, as Ciências Sociais e a Psicanálise são áreas do conhecimento humano que, apesar de distanciadas pela frenética especialização do saber, emergiram em meio às mesmas problemáticas do surgimento e da consolidação da modernidade. Assim, tanto as Ciências Sociais quanto a Psicanálise se debruçam de modo reflexivo e científico sobre um mesmo fenômeno: o homem moderno.

É sabido, todavia, que a Psicanálise e as Ciências Sociais, cada qual a seu modo, observam a modernidade dentro de uma lógica própria e em meio a teorizações próprias a cada saber. Porém, o que se verificou ao longo da história acadêmica das duas ciências foi um tímido estabelecimento de pontos de contato ou de diferenciação entre tais campos do conhecimento<sup>1</sup>. Entretanto, o que se nota, em geral, é um estranhamento histórico de parte a parte de modo a gerar um afastamento entre as áreas o que, certamente, prejudica o desenvolvimento de uma interdisciplinaridade e de uma análise ampliada de um fenômeno tão complexo como a vida do homem no contexto da modernidade.

Como bem observou Duarte (1989), as relações entre a Psicanálise e as Ciências Sociais foram construídas a partir de uma tensão entre tais campos do saber.

---

<sup>1</sup> Os trabalhos de Paul-Laurent Assoun e Roger Bastide são exemplos de produções teóricas que se esforçaram sobremaneira na aproximação entre a Psicanálise e as Ciências Sociais.

Sobretudo no plano teórico das Ciências Sociais, a Psicanálise e suas concepções eram duramente combatidas e negadas. Assim, Duarte assevera:

A posição de negação liminar e total de legitimidade do saber psicanalítico não deixou de existir no âmbito das Ciências Sociais. Foi sobretudo uma negação muda nos primeiros tempos, indisposição em gastar tempo com o imerecido. A oposição sistemática e explícita só se produziu na medida e na intensidade em que as propostas de apropriação total ou parcial vieram a ocupar lugar de destaque nos limites da disciplina e a merecer portanto demarcação contrastiva. (p. 202)

Ademais, é sabida a influência teórica que a Psicanálise e as Ciências Sociais conjuntamente promoveram em pensadores da contemporaneidade (PENNA, 1994; DUARTE, 1989, BEZERRA JR, 1989) que, seja pela aceitação, seja pela rejeição, construíram concepções que nitidamente se inspiraram em tais áreas do saber. Nesse quadro de pensadores, podemos citar um rol de expoentes que se inicia com Adorno, Marcuse, Fromm e outros da Escola de Frankfurt, passando por Simmel, Boas, Lévi-Strauss, por Lacan e Reich até Foucault e outros tantos.

Assim, este trabalho monográfico surgiu de uma inquietação e de um desejo de (re)estabelecer este diálogo entre as áreas de modo a tecer pontos de contato entre tais ciências que se debruçaram sobre a questão da modernidade, a ponto de produzirem observações e sistematizações teóricas que possibilitaram um meio de estudo dos fenômenos modernos.

Dessa forma, durante o curso de Teoria Psicanalítica, estive envolvido na escolha de um recorte de pesquisa que contemplasse um campo de pesquisa e de interação entre os saberes. Após uma natural dúvida de qual caminho de pesquisa seguir, surgiu a ideia de tentar vasculhar aspectos teóricos que ligassem a obra de dois grandes pensadores que vivenciaram e teorizaram a complexa trama de mudanças ocorridas na passagem do século XIX para o século XX: Sigmund Freud, na Psicanálise como seu fundador e principal expoente, e a de Max Weber, teórico clássico e uma das principais referências no campo das Ciências Sociais.

Porém, um desafio se apresentava: o que estudar ou pesquisar? De fato, jamais tinha lido ou encontrado qualquer referência na literatura weberiana ou de seus comentadores qualquer menção de Weber à obra de Freud. Apesar do recente contato com a obra de Freud, *a priori* a possibilidade de sua ligação com Weber também parecia inexistente. Tudo indicava que o desafio era, assim, intangível. Mas o acaso trouxe o caminho para que isto fosse possível.

Numa despreziosa busca de possíveis ligações entre o pensamento freudiano e weberiano, eis que encontro uma carta escrita por Weber em 1907 à sua orientanda de doutorado (Else Jaffé, esposa de Edgar Jaffé, que era amigo pessoal de Weber), na qual Weber justifica a sua rejeição à publicação de um artigo cuja autoria era do psiquiatra alemão Otto Gross. A carta explicita observações diretas de Weber sobre o pensamento freudiano e tal aspecto, em si, já se caracterizaria como uma interessante descoberta. Porém, pesquisando um pouco mais, descobri que o pensamento de Weber e de Freud eram mais próximos do que se imaginava: ambos estavam ligados de forma indireta a um círculo intelectual que protagonizou a cena da liberação sexual do início do século XX e Otto Gross, por sua vez, se apresentou como o principal elo empírico entre a obra de Weber e a de Freud.

Otto Gross [1877 - 1920] se apropriou das teorias de Freud para conjecturar um pensamento que visava conceber a necessidade da liberação erótica e da primazia do prazer erótico/ sexual como forma de alcançar uma libertação das neuroses causadas pela repressão ocorrida durante a primeira infância.

Exatamente por suas concepções acerca do prazer e do erotismo, Otto Gross foi duramente criticado por Freud e por Weber. Em outras palavras, tanto Freud como Weber, ainda que distantes em seus respectivos campos de conhecimento e separados geograficamente - mas interligados por uma mesma ambientação cultural germânica de circulação de ideias<sup>2</sup> (SCHORSKE, 1990; JOHNSTON, 1984) -, desenvolveram comentários críticos sobre o pensamento de Gross que lhes aproximaram no plano teórico.

Eis, assim, o projeto que se apresenta neste trabalho monográfico: estudar os elos teóricos entre o pensamento de Sigmund Freud e Max Weber a partir da intermediação promovida pela figura de Otto Gross.

Tal recorte se faz necessário num sentido de adequação a uma proposta de ambição de pesquisa viável em uma monografia de conclusão de curso. Todavia, o campo de pesquisa que se apresenta é bastante vasto, rico e ainda pouco explorado. Por isso, considero essa monografia o primeiro passo de uma investigação mais ampla e aprofundada, a ser realizada em nível de pós *stricto-sensu*.

---

<sup>2</sup> Tomando como referência o ambiente germânico como sendo composto por uma unicidade linguística e cultural formada pelo Estado Alemão unificado no final do século XIX e pela parte austríaca do Império Austro-Húngaro.

Otto Gross será muito influente no círculo intelectual alemão, estimulando posicionamentos teóricos e de ação social/cultural que vão desde a revolução sexual, passando pelo feminismo, pela literatura até a política, em especial, o anarquismo. De certa forma, surgem já indícios de como o freudismo encontrou em Gross, ainda que por caminhos sinuosos, uma instigante relação com temáticas inerentes àquele momento histórico-social e que são pouco ou nada conhecidos e pesquisados. Como exemplo, o próprio tema desta monografia: é perceptível vislumbrar que há em Max Weber um posicionamento sobre a Psicanálise e seu campo de estudo, a partir de um contato com as ideias divulgadas por Otto Gross.

Assim, procurarei me ater às relações intelectuais e teóricas suscitadoras de questões que vinculam o pensamento dos três personagens (Freud, Weber e Gross) que compartilham a mesma cena cultural germânica de início do século XX. Como disse, creio que aqui inicio um caminho de pesquisa estimulante, ao qual pretendo dedicar futuramente mais tempo, trabalho e dedicação.

## **Introdução: - Modernidade, Sociologia e Psicanálise.**

### **O advento da Modernidade.**

Desenvolvida no bojo das transformações ocorridas durante a transição do século XIX para o século XX, a *Belle Époque*<sup>3</sup> foi marcada por uma série de mudanças estruturais de uma Europa transformada pela industrialização, pela vida urbana e burguesa, pelas movimentações operárias e pela ciência. Surgia, assim, o sentido de modernidade.

Segundo Schorske (1990) a palavra “moderno” já apresentava desde o século XVIII um sentido inverso de “antigo”. Dessa forma, a partir dali, e durante todo o século XIX, toda e qualquer menção a aspectos que envolvem a sua época, adquiriram a alcunha de “moderno”. Com a mesma intensidade, era preciso a partir daquele momento conceber uma identidade do que é “moderno” *per si* e não apenas enquanto oposição a aquilo considerado como “antigo” ou fora de seu tempo. Eis que, o desafio do século XX era estabelecer como que essa modernidade pode ser configurada a ponto de, ao mesmo tempo, romper com as tradições e produzir de maneira efetiva uma identidade propriamente moderna. Sobre esta ruptura provocada pela modernidade, cito Giddens (1991):

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intensionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (p. 10)

Assim, o conceito daquilo que é considerado moderno atinge, assim, sua maturidade: a modernidade representaria um rompimento com as antigas estruturas de organização social e política porém, ao mesmo tempo, lançava o paradoxo de como o mundo se reorganizaria diante dessa ruptura. Percebe-se, desta maneira, que a

---

<sup>3</sup> O termo *Belle Époque* é usado frequentemente pelos historiadores como forma de categorizar o contexto de transição do século XIX para o XX no qual vislumbrava-se o auge do liberalismo político e econômico, da ciência, da racionalidade técnica e da crise das tradições.

modernidade trouxe uma dinâmica de inquietações que motivaram pensadores das mais variadas áreas do conhecimento humano a se debruçarem sobre tais questões.

Nesse sentido, a produção teórica do período é igualmente vasta se comparada às problemáticas estudadas por ela própria. Em outras palavras, as mudanças geradas pela passagem do século geraram, ao mesmo tempo, os objetos a serem estudados e as teorias sobre tais objetos de modo a estimular um sem número de observações e conceitos que se tornariam paradigmas de compreensão do fenômeno moderno.

É em meio a esse ambiente de construções e desconstruções que múltiplas áreas do saber se esforçaram em promover elucidações plausíveis sobre o “novo fenômeno moderno” bem como seu papel transitivo entre a tradição decadente e uma contemporaneidade futura que se vislumbrava. Assim, nasceram com este intuito a Sociologia e a Psicanálise que, cada qual a seu modo, tentarão promover entendimentos da falência dos paradigmas tradicionais e da formulação de novos conceitos sobre a modernidade.

### **Sociologia: sua tarefa de compreensão da modernidade e sua ligação com a Psicanálise.**

A Sociologia, enquanto ciência voltada para o entendimento dos fenômenos coletivos, esforçou-se em substituir antigos padrões de explicação do funcionamento e do estabelecimento da ordem social para promover novas abordagens dos mecanismos que enquadram o social enquanto produto da ação humana. Tal situação decorria das transformações sociais ocasionadas pelas conquistas promovidas pelas Revoluções Burguesas (Francesa, Industrial e Americana) que evidenciaram as possibilidades de mudança social e notabilizaram os feitos sociais de grupos historicamente rebaixados no plano social e que, dentro deste novo contexto, assumiam papel de relevância quando não, de protagonista. Assim, a Sociologia viria a formular novas concepções acerca do social, rompendo com os antigos paradigmas tradicionalmente defendidos por instituições igualmente tradicionais como, por exemplo, a Monarquia e a Igreja.

Em meio a uma Europa que valorizava cada vez mais a ciência e seus consagrados métodos aplicados na Física newtoniana e na Biologia darwiniana, a Sociologia surgirá da necessidade de explicar o surgimento de novos fenômenos sociais (que as antigas formas de explicação social não são mais capazes de promover) bem

como explicar o declínio das antigas instituições sob a luz do método racional e científico. Não à toa, a Sociologia em sua primeira forma será cunhada a partir da aplicação do método das Ciências Naturais em torno da objetividade possível de ser observada no social. Dessa maneira, a partir das formulações de Auguste Comte e de seu Positivismo, a Sociologia aparece como uma ciência cuja meta principal seria apreender as leis gerais de funcionamento social para que sejam possíveis intervenções a fim de manter a “ordem social” como requisito do “progresso” da civilização (FIGUEIREDO, 2001). Percebe-se, portanto, que a Sociologia em suas primeiras formas, assume um caráter repleto de conservadorismo e ligada aos interesses das classes dominantes.

Mais tarde, Émile Durkheim e sua preocupação em estabelecer regras metodológicas próprias da Sociologia permitiram que o conhecimento sociológico a partir de agora tivesse não somente objeto próprio, mas também, seu próprio método investigativo que, assim, poderiam ser mais precisamente aplicadas às mesmas inquietações que incomodavam Comte e os positivistas promovendo o estabelecimento de uma teoria que preconizava uma sociedade organizada pela lógica da divisão social e especializada do trabalho ocupando lugar central em seu funcionamento.

No entanto, com o advento das ideias de Karl Marx, a Sociologia também assumirá um papel não apenas limitado a compreender os fenômenos sociais, mas também de formular caminhos de descontinuidade para com as formas tradicionais de dominação e de poder. Assim, a partir de uma visão de mundo concebida a partir de um materialismo dialético calcado na luta de classes, a Sociologia também desenvolverá uma face revolucionária que contrastará com a sua forma conservadora primeva. Além disso, com o marxismo, a Sociologia assume produção de saber partindo de uma visão de mundo preestabelecida gerando, contudo, uma acepção da realidade moderna baseada em uma ideologia categorizada em uma esfera de valor determinada.

Considerado juntamente com Marx e Durkheim um dos três principais expoentes do pensamento sociológico, Max Weber desenvolveu uma teoria social amparada em fenômenos econômicos, históricos e políticos de modo a contemplar o fenômeno social como dotado de uma complexidade de relações que demandavam uma especificidade de análise científica.

Weber desenvolveu, assim, a noção de *sociologia compreensiva* que se esmera na compreensão dos fenômenos das ações sociais a partir de uma análise científica objetiva e distanciada de valores do cientista social. Em outras palavras, Weber defendia

a necessidade de observação racional da sociedade e das ações sociais dos indivíduos com a máxima objetividade e neutralidade possível, de modo a evitar que tal análise seja afetada pelos valores individuais daquele que a observa (COHN, 2003).

Para efeito comparativo, Giddens (1991) pondera como os três principais teóricos da Sociologia se envolveram com a questão da modernidade:

No todo, "o lado da oportunidade" da modernidade foi mais fortemente enfatizada pelos fundadores clássicos da sociologia. Tanto Marx como Durkheim viam a era moderna como uma era turbulenta. Mas ambos acreditavam que as possibilidades benéficas abertas pela era moderna superavam suas características negativas. Marx via a luta de classes como fonte de dissidências fundamentais na ordem capitalista, mas vislumbrava ao mesmo tempo a emergência de um sistema social mais humano. Durkheim acreditava que a expansão ulterior do industrialismo estabelecia uma vida social harmoniosa e gratificante, integrada através de uma combinação da divisão do trabalho e do individualismo moral. Max Weber era o mais pessimista entre os três patriarcas fundadores, vendo o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais. Ainda assim, nem mesmo ele antecipou plenamente o quão extensivo viria a ser o lado mais sombrio da modernidade. (p. 13)

É patente, portanto, como Weber, de maneira distinta em relação à Durkheim e Marx, desenvolverá uma obra que se preocupará com uma dimensão que não é observada nos outros dois teóricos: a individualidade e suas vicissitudes.

Para tanto, Weber estudará diversos fenômenos que ligam-se de forma direta ou indireta às questões da racionalidade moderna: a burocracia, o capitalismo, as religiões, a ética e a política. Com isso, Weber produzirá uma vasta produção teórica que se caracteriza pela frequente problemática que envolve o homem imerso a um mundo repleto por mudanças e transformações ocasionadas pela primazia da racionalidade técnica e do aparelhamento das funções público-burocráticas (COHN, 2003).

Nesse sentido, a obra de Weber apresenta um dilema que dialoga, *a priori*, com a Psicanálise: quais impactos a vida moderna provoca nos indivíduos? Segundo Weber, a primazia da racionalidade verificada na modernidade levava os homens a uma condição que se transformou em conceito weberiano: o *desencantamento do mundo* (*Entzauberung der Welt*)

Segundo Pierucci (2003), o *desencantamento do mundo* em Weber, representa o momento no qual os indivíduos se verificam em meio a um processo de vivência em uma realidade composta por um duplo desencantamento: o religioso, causado por uma

“*desmagificação*” da salvação e de suas vias; e outro, o científico, gerado pela perda dos valores éticos e da transformação da vida em uma mera sucessão de eventos causais. Dessa forma, o homem moderno se engendrava numa cadeia de desencantamento que ocasionava um aprisionamento de si perante o mundo, categorizado por Weber como uma “*jaula de ferro*”.

Percebe-se, que a sociologia weberiana tratará de forma inovadora dentro da seara sociológica as questões da relação individual perante o social e, assim, nos mostra como a temática do indivíduo moderno instigava as mentes dos pensadores daquele momento histórico. Em outras palavras, Weber inaugura na Sociologia reflexões sobre os impactos que o meio social ocasiona nos indivíduos.

Em virtude dessa abordagem do plano individual como pertencente à dinâmica social, Weber se coloca como um pensador que demonstra em sua obra uma notável influência de uma inquietação que norteou outros pensadores contemporâneos de Weber que se esmeraram no desenvolvimento de teorias que categorizassem cientificamente as dinâmicas da modernidade verificadas na interação indivíduo-sociedade. Devido a este aspecto, a sociologia weberiana se aproxima, destarte, à Psicanálise.

### **Psicanálise: a crítica da modernidade como sintoma**

A Psicanálise, com sua abordagem centrada no sujeito e produzida a partir da experiência clínica e reflexiva de Sigmund Freud, desenvolveu concepções que estabelecerão categorias de compreensão da modernidade através da verificação de seus sintomas no indivíduo inserido na trama social.

Sobretudo a partir da descoberta da noção de inconsciente, Freud conferiu às práticas humanas um valor até então inconcebível. Afinal, se os atos humanos são fundamentalmente regidos pelo inconsciente, há de se questionar como que os atos conscientes são operados de modo a teorizar toda uma gama complexa das ações humanas.

É a partir da teoria freudiana que o inconsciente antes tratado fundamentalmente como algo subjetivo ou como se fosse um plano “abaixo” da consciência e da razão, transforma-se em um elemento objetivo, dotado de importância na constituição do sujeito enquanto esfera representativa das pulsões desejantes que norteiam os atos conscientes.

Como observa Birman (1997, p. 10), o “sujeito do inconsciente é uma produção simbólica e desejante que se delinea entre os pólos da pulsão e da cultura”. Por esta via, a de conceber o inconsciente como dotado de uma realidade objetiva passível de análise, seja na clínica, seja no social, que a Psicanálise se esforçou na compreensão dos fenômenos modernos.

Porém, se a subjetividade se forma a partir de uma relação entre as pulsões e a cultura, dois polos em si antagônicos, é patente o caráter conflituoso que esta relação tomará. Dessa forma, o desenvolvimento do sujeito moderno decorre, fundamentalmente, de um conflito. Sobre tal conflito, Birman (1997), assevera:

O sujeito do inconsciente em psicanálise é marcado essencialmente pelo conflito, que é incontornável e constitutivo da condição subjetiva. Foi em torno da problemática do conflito que o discurso freudiano sempre construiu o saber psicanalítico, desde os seus primórdios no final do século XIX até as suas produções teóricas finais. Entretanto, os impasses colocados para a resolução dos conflitos psíquicos pelo sujeito se acentuaram progressivamente ao longo do percurso freudiano e tiveram uma inflexão crucial no final da obra de Freud. (p. 10/11)

É nesse processo de observação dos conflitos ocasionados pela modernidade que a Psicanálise estabeleceu uma série de teorias e interpretações que possibilitassem o entendimento das razões geradoras desse conflito, os sintomas resultantes e os meios de obtenção de uma melhora psíquica.

Após o pioneirismo de Freud ao lançar luz sobre as questões do inconsciente e os mecanismos de repressão, outros pensadores também desenvolveram, no campo da Psicanálise, novos modelos de compreensão da modernidade e de suas vicissitudes. Com isso, a Psicanálise deixava o campo apenas “clínico” para transformar-se em um saber capaz de empreender sistematizações acerca da sociedade e das organizações humanas.

Em meio a esse processo de difusão dos princípios psicanalíticos, sobretudo no ambiente cultural germânico, diversos ícones da cena intelectual do período tiveram contato, em maior ou menor grau, com a Psicanálise. Entre os discípulos e propagadores das ideias de Freud encontrava-se a figura de Otto Gross<sup>4</sup>. Ao desenvolver interpretações sobre a política, sobre a liberdade sexual e a moralidade, Gross aplicou o saber da Psicanálise como método de compreensão e “cura” dos conflitos causados pela repressão. Adiante veremos, no capítulo 1, como Otto Gross desenvolveu suas teorias.

---

<sup>4</sup> No primeiro capítulo, tratarei em especial da vida e obra de Otto Gross.

Em razão da circulação de ideias e contatos intelectuais, nos capítulos 2 e 3, verificaremos como outros dois pensadores do mesmo ambiente intelectual – o próprio Freud e o sociólogo Max Weber - posicionaram-se diante das ideias e dos valores morais de Gross. Por extensão, será possível perceber como Weber, ao criticar Otto Gross, se posicionou perante a Psicanálise e obra de Freud e, da mesma forma, será verificável como Freud alimentava uma mescla de admiração e frustração em relação a Gross.

Por fim, no capítulo 4, será promovida uma comparação entre as ideias de Freud e Weber a partir das críticas que ambos fizeram a Otto Gross. Dessa forma, tentaremos traçar as primeiras linhas de contato entre as teorias de Freud e de Weber, de modo a vislumbrar novas possibilidades de ampliação e aprofundamento desta pesquisa no futuro próximo.

## Capítulo 1 – Otto Gross

### 1.1 - Otto Gross: uma breve biografia<sup>5</sup>

Otto Gross nasceu em Feldbach, território da atual Áustria, em 1877 e durante sua vida encaminhou-se para uma carreira médica regular e sem muitos sobressaltos. Filho de Hanns Gross, um dos mais renomados criminologistas da época, Otto Gross, após os estudos de medicina e psiquiatria em sua cidade natal, complementou seus estudos em Munique e em Estrasburgo.

Em 1900, tornou-se médico naval e viajou para a América do Sul. Pouco tempo depois, entre 1901 e 1902, ao mesmo tempo em que produzia seus primeiros escritos, ficou viciado em várias drogas, entre elas a cocaína, e teve sua primeira internação na Clínica Burghölzli, próximo a Zurique, Suíça.

Em 1903, Otto Gross casou-se com Frieda Schlofer e em 1906 alcançou o cargo de professor de psicopatologia na Universidade de Graz. Nessa época, Gross envolveu-se amorosamente com as irmãs Else e Frieda Richthofen. Else era casada com o economista Edgar Jaffé, amigo de Max Weber e Frieda era casada com o filósofo Ernest Weekley, mas em 1912 o deixou para casar-se com o escritor D.H. Lawrence.

Logo em sequência, Otto Gross foi nomeado assistente de Emil Kraepelin na Universidade de Munique e teve contato mais íntimo com a Psicanálise, entusiasmando-se com os princípios da obra freudiana.

Frequentou os círculos intelectuais de Munique e voltou a viciar-se em cocaína, necessitando de uma nova internação em 1908, novamente em Burghölzli. Nessa ocasião, foi analisado por Jung a pedido de Freud. Porém, após um período de tratamento, Gross fugiu da clínica e começou a atuar como intelectual e revolucionário anarquista, ao mesmo tempo em que praticava e defendia o sexo livre e ampliava a sua dependência química. Morreu em 1920 de pneumonia em Berlim.

---

<sup>5</sup> Para saber mais sobre a vida de Otto Gross, ver GREEN, Martin. *The von Richthofen sisters* (1977) e *The Mountain of the Truth* (1986).

## 1.2 - Produção acadêmica e teórica: as ideias de Gross

Entre 1901 e 1902, Otto Gross inicia sua produção técnico-científica com a publicação de seu primeiro artigo científico em um periódico editado por seu pai, o *Archiv fur Kriminalanthropologie und Kriminolistik*. Segundo Schwentker (1996, p. 164), já nesses primeiros artigos “a questão que o preocupava era a possibilidade de definir posições éticas fundamentais com a ajuda de métodos científicos e empíricos”. Para tanto, Schwentker (1996) cita as palavras de Gross em seu artigo de 1902, *Zur Phylognese der Ethik*:

Atualmente, em todo lugar, as pessoas estão começando a perceber que a reforma e a salvação das ciências humanas deverão vir das ciências naturais e da revolução metodológica trazida por elas (p. 164).

De certa forma, Gross, ainda que precocemente, já manifesta uma de suas principais características teóricas: a utilização de princípios biológicos aplicados a questões ético-sociais. Na realidade, Gross se incluía em uma gama de produção intelectual da época, baseada na então metodologia científica desenvolvida pelas ciências naturais que promoveram fortes influências nos mais variados campos de conhecimento humano. Assim, Gross havia sido influenciado, a exemplo de outros intelectuais de seu tempo, a pensar as problemáticas sociais a partir dos já consagrados métodos físicos e biológicos.

Como descrito na apresentação deste trabalho, a própria Sociologia em sua forma primeva adotou os métodos das ciências naturais como parâmetro científico para a elaboração de problemáticas de cunho social. A partir de tais métodos, era possível pensar, em novas estruturas morais e novas perspectivas filosófico-religiosas. Não à toa, Gross terá entre suas bases conceituais e instrumentais a nascente Psicanálise, que havia se disseminado a partir das publicações de Sigmund Freud.

Otto Gross tomará como ponto inicial de sua teoria as inquietações a respeito dos elementos que constituem a psique humana e de quais fatores seriam responsáveis pela geração de distúrbios mentais no homem. Por isso, Gross se aproxima invariavelmente da produção teórica freudiana, principalmente a partir da publicação do texto “*Sexualidade na etiologia das neuroses*” (1898) e dos “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905).

Gross compreendia, assim como Freud, que as neuroses tinham bases sexuais, mas, contrariamente ao psicanalista austríaco, desenvolveu uma teoria que valorizava os aspectos sociais e culturais como principais causadores dos distúrbios mentais humanos. Dessa forma, a obra científica bem como a vida pessoal de Gross já apontavam, desde o início, uma marcante inclinação às temáticas de ordem política e sexual, fazendo de Gross “a principal figura de um anarquismo motivado pela política sexual e um dos mais importantes protagonistas do ‘movimento erótico’ antes da Primeira Guerra Mundial” (SCHWENTKER, 1996, p. 164). Devido a esse protagonismo, Gross tornou-se uma referência no contexto da liberação político-sexual entre as décadas de 1900 a 1920 (GREEN, 1977; 1986).

Segundo Green (1977), em 1908, após a sua participação na Conferência de Psicanalistas em Salzburg onde teria ouvido de Freud uma reprovação<sup>6</sup> acerca de sua palestra sobre as “*Perspectivas Culturais*”, Gross teria partido em busca de outras fontes que satisfizessem suas concepções teóricas. A partir de então, sua trajetória teórica conciliaria e questionaria as teorias freudianas, mas também resgataria outros pensamentos de ordem filosófica e política.

No ano de 1913, Gross escreveu dois artigos para o jornal expressionista-esquerdista alemão – o *Die Aktion* – que revelam uma significativa dimensão de sua vida e obra. Nesses artigos, Gross formulou teorias que se baseavam em princípios biológicos como norteadores das dinâmicas sociais.

No primeiro desses artigos<sup>7</sup>, lançava mão das ideias de Nietzsche que, para ele, “havia descrito adequadamente os fenômenos socialmente patogênicos, fundando, assim, a sociologia biológica.” (SCHWENTKER, 1996, p. 165). Desse modo, por mais genial, brilhante e talentoso que fosse o indivíduo, tais condições de genialidade estariam reprimidas diante de uma condição social patológica que reprime estes talentos. Sobre essa apropriação das ideias nietzschanas, Schwentker (1996) observa usando as palavras de Gross:

Para Gross, Nietzsche fora capaz de mostrar que a discrepância entre desejos individuais e demandas sociais levava inevitavelmente, “em virtude das represálias do público em geral, à eliminação justamente dos indivíduos mais saudáveis e mais fortes - aqueles mais capazes de se expandir-, a uma seleção

---

<sup>6</sup> As palavras de Freud a Gross seriam: “nós somos médicos, e médicos devemos permanecer” (FREUD, 1908, apud OLENHUSEN, 2011, p. 90). Talvez essas palavras demonstrem já de início uma preocupação de Freud com os posicionamentos sócio-políticos de Gross.

<sup>7</sup> GROSS, Otto. “Die Einwirkung der Allgemeinheit auf das Individuum”, *Die Aktion*, pp. 1.091-5

negativa e, portanto, a um declínio da raça, a uma progressiva degeneração hereditária” (SCHWENTKER, 1996, p. 165).

Percebe-se que Gross estabelece a ideia de que os mecanismos de repressão promovidos pela sociedade prejudicam, sobretudo, os indivíduos considerados mais “vigorosos”. Assim, os elementos recalcantes causam uma seleção negativa ao manter os indivíduos “mais fracos” – os que sofrem de neuroses - e elimina os indivíduos “mais fortes” que não aceitam a repressão de seus desejos a ponto de promoção de um processo de “enfraquecimento” da raça humana em razão desta “seleção inversa”. Este seria um dos principais fatores que, para Gross, eram causadores de um cenário marcado pela crise cultural de sua época e geradores da decadência da civilização.

Desse modo, para Gross, as normas impostas pela sociedade causavam patologias de ordem psíquica nos indivíduos que, por sua vez, não encontravam condições de autorrealização no meio social. Em outras palavras, os conflitos travados entre o indivíduo e a sociedade resultavam em problemas sociais e psíquicos, sendo que os aspectos do psiquismo encontravam no social uma limitação de suas plenas manifestações.

Vê-se, portanto, que Gross estabelece o social como principal fator gerador das neuroses individuais e que se existe algo de “patológico original”, este algo se encontra no plano da sociedade e não no plano do indivíduo. Com isto, Gross altera o “centro de gravidade” de interpretação das doenças nervosas: a subjetividade deixa de ser o *locus* de geração dos problemas psíquicos; tais problemas são derivados de uma sociedade patológica que causa, por extensão, patologias no indivíduo.

De certa forma, percebe-se que boa parte dessa concepção de Gross sobre as neuroses encontra em Freud suas premissas. É inegável que os efeitos psicopatológicos causados pela repressão por parte das instituições sociais foram devidamente inscritos no campo de investigação psicanalítica a partir da experiência clínica e teórica de Freud, que lançou luz em um terreno até então inexplorado de forma sistemática: a análise dos traumas, das fobias e das repressões.

No segundo artigo<sup>8</sup> do *Die Aktion*, Otto Gross demonstra como este conflito entre o indivíduo e a sociedade emanava de um contexto sócio-histórico marcado por uma intensa crise cultural. Para Gross, a sociedade moderna era caracterizada por um cenário formado por uma estrutura familiar patriarcal autoritária que instituiu no

---

<sup>8</sup> GROSS, Otto. “Zur Überwindung der kulturellen Krise”, *Die Aktion*, vol. 3, 1913, pp. 384-7

casamento um conjunto de regras morais que se perpetuaram historicamente. Assim, para ele, era necessária uma total libertação do indivíduo, sobretudo no plano sexual. Só assim, através de uma libertação individual-anarquista, era possível livrar-se das represálias morais e sexuais impostas por uma sociedade causadora de conflitos/distúrbios psicopatológicos nos indivíduos. Sobre tal necessidade da liberdade sexual, Schwentker (1996) afirma, valendo-se das palavras de Gross no referido artigo:

Um primeiro passo para estabelecer a “liberdade da individualidade” – no sentido de uma utopia individualista e anarquista, tal como destacada por Stirner e Kropotkin - exige a liberação do indivíduo das normas éticas prevaletentes na esfera sexual. Pois a sexualidade era vista como o “motivo universal de uma interminável sucessão de conflitos internos, não em si mesma, mas como objeto de uma moralidade sexual, em conflito insolúvel com tudo que representa valor, vontade e realidade” (SCHWENTKER, 1996, p. 165).

Em outras palavras, Otto Gross estabelece uma teoria que, ao mesmo tempo, busca abordar as questões do psiquismo e as questões morais, elegendo a esfera sexual como terreno privilegiado para o início da luta do indivíduo por liberdade. A moralidade da sociedade burguesa estabelecia, segundo ele, mecanismos de repressão sexual causadores de doenças nervosas; tais patologias somente encontrariam sua efetiva melhoria através da liberação sexual do indivíduo perante um ambiente sociocultural em crise e decadente que deveria, assim, ser renovado pela instituição de uma “nova ética”: uma ética sexual libertária, anárquica e imoral.

## Capítulo 2 – Weber e Gross

### 2.1 –Weber: a liberação sexual e o contato com a Psicanálise.

De acordo com Schwentker (1996, p. 166), Weber se envolve pela primeira vez com as questões do erotismo e sexualidade em 1905, ano no qual participou da fundação da “Associação para a proteção das mães” (*Bund für Mutterschutz*) em companhia de outros intelectuais da época, como seu amigo Werner Sombart<sup>9</sup>.

Essa associação tinha como objetivo central a promoção de bem-estar para mães solteiras e seus filhos mas, um ano após sua formação, a associação tomou contato com as ideias que circulavam no meio intelectual acerca do erotismo e da liberação sexual. Assim, a partir de 1906, sob a liderança de Helene Stöcker<sup>10</sup>, a associação incorporou um posicionamento radical perante as questões femininas e sobre as problemáticas do direito matrimonial e da política sexual, que acabaram gerando intensas discussões acerca do papel feminino na moderna sociedade burguesa. Segundo Schwentker (1996):

A Associação atacou a convencional ossificação do casamento burguês e difundiu como alternativa uma ‘nova ética’, segundo a qual as mulheres poderiam exigir o direito de se envolver em relacionamentos sexuais independentemente de considerações de caráter material e legal. (p. 167)

Em virtude deste novo posicionamento da associação, Weber a abandona em 1906 por discordar de seu novo alinhamento ideológico. Weber considerava errado o radicalismo da associação e teria feito pesadas críticas ao movimento em uma carta enviada a Robert Michels<sup>11</sup>; nela dizia que a associação estaria engendrando um “hedonismo grosseiro e, como objetivo das mulheres, uma ética que beneficiaria

---

9 Werner Sombart foi amigo pessoal e parceiro de Max Weber na criação do Arquivo para as Ciências Sociais e Políticas (*Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*). Atuante no campo da Sociologia Econômica, entre suas obras destaca-se: “Os Judeus e a vida econômica” (*Die Juden und das Wirtschaftsleben*), de 1911 e “O Futuro do capitalismo” (*Die Zukunft des Kapitalismus*), de 1932.

<sup>10</sup> Helene Stöcker foi uma importante feminista alemã que defendia a liberação sexual feminina e a manifestação sexual das mulheres fora do casamento.

<sup>11</sup> Robert Michels, economista e sociólogo alemão, foi um grande estudioso dos partidos políticos e do fenômeno burocrático na democracia. Era grande amigo de Max Weber e uma das principais influências a respeito da burocracia racional moderna na obra weberiana. Sua obra mais importante foi “Para uma sociologia dos partidos políticos na democracia moderna” (*Zur Soziologie des Parteiwesens in der modernen Demokratie*) de 1911.

somente os homens (...) e isso não faz o menor sentido” (SCHWENTKER, 1996, p. 167).

Nesse mesmo período, Weber estabelece um contato mais próximo com Frieda Gross, esposa de Otto, e com Else Jaffé, esposa de Edgar Jaffé<sup>12</sup>, que havia sido sua orientanda de doutorado em Heidelberg. Ambas eram antigas amigas de Marianne Weber, esposa de Max, e pessoalmente adeptas ao novo moralismo sexual libertário feminino (GREEN, 1977; 1986).

Em virtude deste contato pessoal, Max Weber toma conhecimento do relacionamento extraconjugal existente entre Otto Gross e Else Jaffé que contava, em certa medida, com o consentimento de Frieda Gross. Por conta disto, Weber pressiona sua esposa Marianne a criticar o feminismo libertário de suas amigas, ainda que essas críticas levassem ao rompimento da amizade com Frieda e Else, além de criticar ele próprio o posicionamento moral das amigas de Marianne (SCHWENTKER, 1996, p. 168).

Ocorre que, em razão deste contato com Otto Gross e das críticas feitas ao liberalismo sexual das amigas de Marianne, Max Weber procurou contato intelectual e teórico com a Psicanálise, como bem observa Schwentker (1996):

De 1907 em diante, Weber começou a lidar sistematicamente com a psicanálise e a relação entre sexualidade e filosofia moral. Naquele ano, ele leu as principais obras de Freud e, por meio de Else Jaffé, se familiarizou, em primeira mão, com a obra científica de Gross (p. 167).

Além disso, também em 1907, Otto Gross teria enviado um artigo para possível publicação no periódico *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, do qual Weber era editor. Porém, Weber teria rejeitado o artigo e exposto as razões da rejeição em uma longa carta<sup>13</sup> enviada a Else Jaffé em 13 de setembro de 1907<sup>14</sup>. Nesta carta, além de uma ampla abordagem de Weber sobre as ideias de Gross, também é possível perceber a visão geral weberiana sobre a obra de Freud. Até o momento, esta se revelou a fonte

---

12 Edgar Jaffé era seu amigo pessoal e parceiro, juntamente com Sombart, no periódico *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*.

13 A carta foi traduzida por René Avigdor e Yumi Garcia dos Santos, com revisão técnica de Antônio Flávio Pierucci, e publicada em sua íntegra na Revista Plural de nº 12, do ano de 2005. Todas as referências à carta serão feitas a esta publicação.

14 Anexo I

mais detalhada obtida durante a pesquisa da monografia acerca do contato de Weber sobre a obra de Freud<sup>15</sup>.

## 2.2 – As críticas de Weber a Gross

Ao analisar a carta, percebemos claramente que Weber faz uma nítida distinção entre as críticas que dirige a Gross e as observações sobre a Psicanálise.

Sobre Freud, Weber estabelecerá considerações positivas e negativas acerca da Psicanálise<sup>16</sup> mas sobre Gross, as críticas serão promovidas num grau e num teor bastante distinto.

Logo no início da carta, Weber apresenta a Else Jaffé as razões do porquê se reporta a ela e não a Gross na refutação do artigo para o *Archiv*. Segundo Weber, Gross era um homem muito estimado por ele mas, ao mesmo tempo, justifica como inútil a tentativa de explicar as razões da refutação do artigo por considerar Gross irreduzível em seus posicionamentos. Eis o trecho no qual este aspecto se revela:

O mais simples seria que eu mesmo comunicasse ao Dr. G[ross] os meus motivos. Mas, *cui bono*? Sei perfeitamente que nesse conflito de opinião, como em todos os outros casos, lhe pareço apenas, não importam as explicações que eu lhe der, prisioneiro das "convenções" - seria por causa do tipo de terminologia à qual me detenho - ainda assim "de propósito" - e sei muito bem que minha ética lhe parecerá necessariamente equivalente à ética "convencional" ou a certas proposições desta última. Não posso mudar nada com relação a isso, inclusive diante de alguém cujo valor como homem estimo muito, o que é o caso de Dr. Gross, pois isso exigiria me lançar nas vastas confrontações orais ou escritas, às quais infelizmente não estou - como V. Sa. sabe muito bem - em condições de me submeter. (WEBER, 1907/2005, p. 126)

Além disso, Weber enquadra Gross em uma categoria de autores que efetuam uma “mescla” entre sua pesquisa científica e seus posicionamentos pessoais e políticos. Ora, como se sabe, Weber desenvolveu, ao longo de sua obra, uma extensa defesa da necessidade da objetividade no campo de investigação científica. Para Weber, a tarefa do cientista deveria ser a mais distanciada possível de seus valores, a fim de promover uma construção teórica e científica calcada em um método racional e afastada de

---

<sup>15</sup> Apontarei na parte final deste trabalho outras possíveis fontes que explicitem as relações entre Freud e Weber.

<sup>16</sup> Todas as considerações acerca de Weber e a Psicanálise serão esmiuçadas no último capítulo deste trabalho que centrará sua discussão em torno das relações mais diretas entre Weber e Freud.

posicionamentos pessoais que, segundo Weber, alterariam o real caráter da ciência (WEBER, 1904/1982; 1983; 1905/1985).

Dessa forma, o primeiro argumento de Weber para rejeitar o artigo, bem como para evitar explicar a recusa diretamente a Gross, reside na discordância ética de Weber em relação a Gross no que se refere à constituição da teoria científica e de seu valor enquanto produção de conhecimento. Eis as palavras de Weber:

(...) preferimos todos, hoje em dia, ouvir que somos "monstros éticos em nossas teorias", antes que "simples mestres da confusão". Ora, Dr. Gross me parece pertencer a este grupo, - quando se expressa fora dos limites de sua especialidade, e que se deixa influenciar pelas "visões de mundo", em suma quando assume a postura de "naturalista" e não mais de "pesquisador em ciências da natureza" (WEBER, 1907/2005, p. 126).

Fica claro ao longo da carta que as críticas a Otto Gross assim como a outros discípulos de Freud são bastante diferenciadas em comparação às críticas feitas por Weber a Freud<sup>17</sup>. Enquanto Freud é valorizado em razão de sua especialidade científica não ser extrapolada para outras searas, o mesmo não acontece com Gross, que é duramente criticado por Weber em razão de dedicar-se à especulações metafísicas e por justificar seus posicionamentos pessoais e políticos fundamentados em princípios científicos. Vejamos as palavras de Weber:

Mas no lugar desse trabalho que, por necessidade, provém especificamente de um especialista (Freud) vemos os adeptos de Freud, em particular o Dr. Gross, se consagrar de um lado às especulações metafísicas - esta afirmação seria certamente muito mal interpretada -, e de outro, o que é pior, à questão pueril em relação a uma ciência rigorosa: "será que isso se come?", isto é, não podemos com tudo isso fabricar uma "visão de mundo" de natureza prática? (WEBER, 1907/2005, p. 127).

A neutralidade axiológica weberiana, tão central em sua obra é, portanto, o elemento primordial das críticas promovidas por Weber a Gross e essa será a tônica durante toda a carta. Afinal, como observa Schwentker (1996, p.168), "ele (Weber) reprovava Gross por querer derivar de suas descobertas psicanalíticas orientações para a vida prática e, mais importante, por procurar elevar tais orientações ao nível de uma teoria ético-normativa".

Assim, nessa primeira crítica a Gross, Weber desenvolve uma análise pormenorizada das teorias propostas por Gross e, a exemplo do que demonstra no início

---

<sup>17</sup> Serão desenvolvidas no último capítulo.

da carta, expõe a Else Jaffé os erros metodológicos e científicos que, segundo Weber, inaugurariam uma ética inaceitável – “a ética dos nervos” – o que impede a publicação no *Archiv*. Nesse sentido, há um trecho da carta em que Weber deixa evidente suas críticas:

Se toda repressão dos desejos e dos estímulos carregados de afetos leva à "rejeição" - e a terminologia implica nessa afirmação absurda - e se a rejeição como tal é o mal absoluto (*soi disant* porque levaria a uma falsidade interior, ao "erro e à covardia", - na realidade porque do ponto de vista do especialista em higiene dos nervos<sup>18</sup>, compreende, dependendo dos casos, o perigo da histeria, da neurose obsessiva, da fobia, etc.), essa ética dos nervos deveria então por exemplo exortar assim o Boer<sup>19</sup> que luta por sua liberdade: "fuja, senão reprimirás teus afetos de angústia e terás que suportar eventualmente o "riso vermelho" de L Andreiev<sup>20</sup> (WEBER, 1907/ 2005, p. 128)

Como vimos no capítulo anterior, para Gross, todos os desejos devem ser liberados de qualquer mecanismo repressor, pois estes desejos reprimidos eram indícios da “decadência cultural” que ocasionava doenças nervosas no indivíduo moderno. Weber, por sua vez, não concorda com Gross na medida em que a “ética dos nervos”, como se refere Weber, justificaria uma atitude covarde e antagônica à moral social - tal como, no exemplo usado por Weber, o soldado que foge do combate por medo das lembranças angustiantes causadas pela obrigação de matar os seus inimigos.

De acordo com Olenhusen (2011, p. 90), o anarquismo sexual de Gross não poderia ser considerado como um modelo de ética responsável (*Verantwortungsethik*) e sim uma ética de fins últimos (*Gesinnungsethik*). Em outras palavras, Gross estava desenvolvendo uma ética que atendia interesses individuais e específicos em contraposição a uma ética que se destina a preservar os interesses de uma coletividade.

Assim, a liberação sexual proposta por Gross, na visão de Weber, consistia numa *Nerven-Ethik* (ética dos nervos) ou *psychiatrische Ethik* (ética psiquiátrica) – uma ética pura, idealista e “mediana”, que utilizou a natureza normal do homem como medida e sem uma implicação de responsabilidade. Portanto, para Weber, os valores

---

<sup>18</sup> Certamente uma alusão a Freud, considerado por Weber um especialista em sua área, ao contrário de Gross.

<sup>19</sup> Denominação usada para definir colonos alemães que disputaram o domínio da África do Sul durante o Imperialismo Europeu do século XIX.

<sup>20</sup> Segundo os tradutores da carta, Léonid Andreiev (1871 – 1919) era um nihilista russo que, entre outras obras, escreveu *O riso vermelho* (1905), no qual descreve os males provocados aos soldados russos pela obrigatoriedade de matar durante a guerra. Nessa obra, os soldados eram perseguidos pela imagem obsessiva de suas vítimas que lhes surgiam num aspecto vingativo de cadáveres adornados por um “riso vermelho”. (AVIGDOR; SANTOS; PIERUCCI, 2005, p. 128)

éticos não poderiam ser formulados a partir de princípios fundados na natureza biológica do homem amparada em seus desejos ou aspectos psíquicos.

Como se não bastasse essa primeira desconstrução, Weber continua suas críticas acerca da ética de Gross na sequência da carta:

Essa ética só poderia exortar o marido ou o amante, ou então a esposa ou a amante, que, na troca muito rápida de seus parceiros sente ter um acesso de ciúmes: "deixe-os ab-reagirem como Otelo ou recorrendo ao um duelo ou mesmo de qualquer outra forma, tão hipócrita que seja, - é melhor ser "mesquinho" (do ponto de vista da nova ética sexual) do que combater esses acessos e de arriscar assim uma formação "delirante". Essa ética deve no final das contas ter a coragem de me aconselhar a dar vazão a ab-reação a qualquer movimento, tão bestial que seja, de meus desejos e de minha vida pulsional - isto é, procurar uma forma de satisfação adequada de uma maneira ou de outra a este movimento - sem a qual meus queridos pequenos nervos deveriam sofrer danos. Eis o que é de fato o puro ponto de vista - bem conhecido de uma medicina boçal! (WEBER, 1907/2005, p. 128)

Na crítica acima, percebemos como Weber rejeita os posicionamentos de Gross em razão das mesmas incentivarem a livre manifestação dos desejos e da vida pulsional. Para tanto, Weber utiliza-se de linguagem irônica (“meus queridos pequenos nervos poderiam sofrer danos”) deixando claro que os valores éticos não poderiam ser determinados por aspectos psíquicos. Portanto, a chamada “ética psiquiátrica” de Gross não tem relevância, para Weber, na formulação de uma real e verdadeira “ética responsável”.

Além dessa crítica aos valores ou juízos aplicados por Gross em sua teoria que, por si só, a desqualificam na concepção de Weber, há também um outro ponto de crítica teórica que se soma às críticas de ordem ética.

Para Weber, Gross se apropriou dos valores nietzschianos de uma maneira tal que propagou os elementos mais equivocados da teoria de Nietzsche: o biologismo. O biologismo de Nietzsche teria ofuscado o elemento mais nobre de sua teoria, na opinião de Weber, que seria a formação de uma moral aristocrática<sup>21</sup>. Vejamos como Weber formula sua crítica a Gross:

---

21 Essa moral aristocrática nietzschiana consistiria no estabelecimento de uma ética que estabelece uma dupla tipologia histórica: a ética do bom e a ética do mau. Estes valores éticos seriam constituintes das forças vitais humanas e que é geradora dos limites a serem alcançados e ultrapassados pela vontade humana. A partir do enfraquecimento dessa moral aristocrática, ou dos senhores, desenvolveu-se a moral plebeia que consiste numa transvaloração dos valores morais aristocráticos que estabeleceram princípios metafísicos promovedores de um sentido de vida para os mais fracos. Para saber mais observar as obras de Nietzsche: “Além do Bem e do Mal” (1886) e “Genealogia da Moral” (1887).

Mas a nobreza de seu carisma pessoal [Gross] e seu "acosmismo" do amor agiria de modo bem mais puro se este último, que o saúdo de malgrado, não estivesse recoberto sob a poeira de um jargão de especialista e de uma higiene de nervos confinada no espírito da capela, etc etc, e se o autor tivesse a audácia de ser o que ele é, - sem dúvida algo de diferente e de melhor que um epígono de Nietzsche. E ainda, não um epígono do que há de mais resistente em Nietzsche; a moral aristocrática, mas das partes mais fracas de Nietzsche, os complexos adornos biológicos, que ele acumula em torno de um centro completamente moralista de sua doutrina. Somente esta veia moralista e nada mais justifica o parentesco interno destes (WEBER, 1907/2005, p. 131)

Vemos que é patente a discordância de Weber em relação aos preceitos científicos utilizados por Gross. Segundo Olenhusen (2001, p. 98), Weber rejeitou as teorias de Gross, pois as considerava um plágio das ideias de Nietzsche e que todos aqueles intelectuais, escritores e artistas que faziam parte do círculo de Otto Gross (a verdadeira "nata" dos expressionistas alemães) eram loucos, estúpidos e pobres anarquistas, que macularam o bom nome da revolução, gabando-se com seus discursos heroicos "no papel" (apenas teóricos) e preocupados apenas com seu próprio progresso e desenvolvimento pessoal.

Percebe-se claramente pois, o posicionamento de Weber em relação a Gross de modo a rejeitar o seu artigo para a publicação no *Archiv* bem como na refutação de suas teorias como válidas no plano social e político, estendendo suas observações críticas aos discípulos e outros que concordavam ou compartilhavam as ideias de Gross.

Como veremos no último capítulo, na mesma carta os posicionamentos weberianos em relação a Freud contrastarão com as críticas feitas a Otto Gross.

## Capítulo 3 – Freud e Gross

### 3.1 – Primeiras menções de Freud a Gross: a correspondência Freud/ Jung.

Durante este trabalho de pesquisa, a principal fonte que revelou as visões mais diretas de Sigmund Freud sobre Otto Gross encontra-se na correspondência que Freud trocou com Carl G. Jung entre 1906 e 1913<sup>22</sup>. Nessa correspondência, foram tratados os mais variados assuntos que permeavam a relação entre Freud e Jung, mas também há um relativo destaque para a análise de Otto Gross que, naquele momento, era paciente de Jung.

Assim sendo, o principal objetivo deste capítulo será ressaltar as opiniões que Freud desenvolveu sobre Otto Gross, de modo a permitir uma comparação com as críticas desenvolvidas por Weber a Gross, que foram explicitadas no capítulo anterior. Porém, faz-se necessário, em alguns momentos, apresentar trechos centrais das cartas de Jung a Freud em razão de que boa parte da visão que Freud estabeleceu sobre Gross se deve aos relatos clínicos feitos por Jung e transmitidos via carta a seu então mestre Freud.

A primeira menção de Freud a Otto Gross está presente na carta de 1º de julho de 1906<sup>23</sup>, em resposta à pergunta feita anteriormente por Jung na carta de 28 de junho de 1906<sup>24</sup>, a respeito do conhecimento de Freud sobre o livro que seria lançado por Gross em 1907<sup>25</sup>, no qual estabelece teorias criminológicas a partir das ideias de Freud e Kraepelin<sup>26</sup>.

Eis as palavras de Freud:

Sobre o livro de Gross, o que mais me interessa é que provém da clínica do Super-Papa<sup>27</sup> ou pelo menos foi publicado com a permissão dele. Gross é um homem muito inteligente; mas para meu gosto há teoria demais e observação

---

<sup>22</sup> MCGUIRE, William. (org.) Freud/ Jung – Correspondência completa. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

<sup>23</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 33F.

<sup>24</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 33J.

<sup>25</sup> GROSS, Otto. *Das Freud'sche Ideogenitätsmoment und seine Bedeutung im Manisch-Depressiven Irresein Kraepelin's* (1907).

<sup>26</sup> Emil Kraepelin (1856-1926) foi um psiquiatra alemão cujas teorias concebiam as doenças psíquicas como causadas por fatores genéticos e biológicos. Nesse sentido, as ideias de Kraepelin chocavam-se com as teorias desenvolvidas pela psicanálise de Freud.

<sup>27</sup> Certamente uma alusão a Kraepelin.

de menos em seu livro. A análise que faz é incompleta — não por culpa dele, sem dúvida; o ponto principal, os passos que levariam ao roubo, inquestionavelmente confere, mas a motivação é inadequada. Notou como ele abusa dos superlativos? Todo mundo é um “lídimio pioneiro”, um “arauto de uma nova era”, etc., exceto eu, o que já é uma distinção. Nisso sem dúvida se reflete a vida afetiva anormal de G[ross], sobre a qual o senhor me falou. Ele também me lembra um pouco os antigos egípcios, que nunca modificavam seu panteão, mas sobrepunham novos deuses e conceitos ao que já existia, disso resultando uma confusão incrível. Gross faz uma síntese de mim e seus velhos deuses: Wernicke<sup>28</sup>, Anton, etc. Sou seguramente um mau juiz de meus colegas; a respeito do trabalho de Wernicke em psicologia, sempre achei que ele nunca teve uma idéia realmente nova, mas apenas estendeu à psique um hábito de anatomista que tem, qual seja, o de dividir tudo em seções e camadas. (FREUD, 1906/ 1979, p. 110).

Nesta citação podemos verificar, de início, algumas questões importantes sobre a visão de Freud sobre Gross e suas concepções.

Percebe-se claramente uma referência crítica<sup>29</sup> a Kraepelin quando Freud se refere a ele como o “Super-Papa” e que o fato da publicação de Gross ter sido elaborada com o endosso de Kraepelin a tornaria, assim, alvo de críticas. Segundo Freud, as teorias de Gross são exageradas em suas conclusões devido ao excesso de formulações teóricas em contraposição ao desenvolvimento de observações que, na concepção da clínica freudiana, representavam um dos pilares do desenvolvimento da ciência. Dessa forma, é possível interpretar que Freud, ao criticar Gross, estende também as suas críticas a outros que tenham dilapidado suas concepções, principalmente ao “inocentar” Gross de muitas das suas teorias quando ressalta sua inteligência, mas lamenta a influência que outros teóricos exerceram sobre Gross.

Além disso, Freud também deixa clara a sua desaprovação ao comportamento amoroso e erótico de Gross. No trecho citado, Freud sugere uma relação entre as teorias de Gross e sua vida afetiva que, na concepção de Freud, era de tal modo anormal<sup>30</sup> a ponto de comprometer suas conclusões científicas.

Na carta de 25 de setembro de 1907<sup>31</sup>, Jung descreve a Freud os relatos clínicos obtidos a partir da análise realizada na Clínica Burghölzli. Neste relato, Jung faz menção às teses de Gross a respeito do imoralismo sexual como meio de obtenção da saúde nervosa e de como suas concepções residiam nas formulações nietzschianas. Vejamos as palavras de Jung:

---

<sup>28</sup> Karl Wernicke (1848-1904) foi um psiquiatra alemão que desenvolveu teorias sobre a funcionalidade da fala e da compreensão de símbolos a partir da análise anatômica do cérebro humano.

<sup>29</sup> E, eventualmente, irônica.

<sup>30</sup> Noção essa que, de acordo com a interpretação feita das cartas, consistia nos relatos feitos por Jung a Freud.

<sup>31</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 46J.

Diz-me o Dr. Gross que, convertendo as pessoas em imoralistas sexuais, consegue impor à transferência uma parada brusca. A transferência para o analista e sua persistente fixação, no entender dele, são meros símbolos monógamos e como tais sintomáticas da repressão. O estado realmente saudável, para o neurótico, é a imoralidade sexual. Donde ele associar o senhor a Nietzsche. Parece-me contudo que a repressão sexual é um fator civilizatório importante e indispensável, ainda que patogênico no que tange a muitas pessoas inferiores. Há certos pontos negativos, porém, de que o mundo jamais prescinde. Que é afinal a civilização, senão um fruto da adversidade? Tenho a impressão de que Gross está indo longe demais com a moda do curto-circuito sexual, que nem é inteligente nem de bom gosto, mas simplesmente cômoda, e portanto tudo menos um fator de civilização. (JUNG, 1907/ 1979, p. 132)

No trecho citado, percebe-se que Jung relata a Freud como Gross compreendia a relação entre analista/analizando. Para Gross, a partir das palavras de Jung, os mecanismos de repressão da sociedade estavam inscritos também na relação de transferência e, assim, tais mecanismos traduziriam uma marca monogâmica da civilização repressora. Além disso, Jung relata a constante e persistente ideia de Gross na necessidade da liberação sexual total – o imoralismo sexual – como forma de alcance da melhora do psiquismo.

Outro aspecto importante verificável na citação é a referência a Nietzsche. Segundo Jung, Gross associa a figura de Freud a Nietzsche mas tal associação seria equivocada na medida em que Jung deixa clara a necessidade da repressão sexual promovida pela civilização, ainda que esta cause efeitos negativos sobre os homens. Os homens não podem abrir mão da civilização com seus ônus e bônus. Nesse sentido, Jung evidencia uma visão predominante na obra freudiana que consiste em valorizar os ganhos da civilização, ainda que tais ganhos tragam seus efeitos negativos. Freud, assim, estaria distanciado de Nietzsche.

Segundo Boeira (2002, p. 21-36), para Nietzsche<sup>32</sup>, de forma geral, os valores morais representariam uma interpretação da realidade a partir de um conjunto de avaliações de condutas e ideais de ação humana. E, dentro do contexto cultural de sua época, Nietzsche considerava possível o questionamento da moralidade dentro de uma ótica niilista<sup>33</sup> que, assim, estabelece a moral como um problema filosófico. Após um longo exame sobre a moral e as dificuldades de sua análise, Nietzsche concebe que,

---

<sup>32</sup> O centro da análise dos valores morais em Nietzsche se desenvolvem nas publicações de *Aurora* (1880) e a *Genealogia da Moral* (1887) mas estão presentes, indiretamente, em outras obras do filósofo.

<sup>33</sup> Por niilismo compreende-se, em linhas gerais, a descrença no valor de todos os valores, crenças e da própria existência humana. Para saber mais, ver NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia* (1869) e *Humano, demasiado humano* (1878).

entre as categorias morais divididas entre aquelas que nos afirmam a vida e aquelas que promovem a sua negação, as que preponderam em seu contexto cultural são aquelas que negam a vida. Dessa forma, segundo Nietzsche, cabe agora desenvolver um novo código de valores morais que não se choque com a naturalidade humana e tampouco com sua finitude.

Eis que, munido desses conceitos, Otto Gross apontará essa convergência entre Freud e Nietzsche. Gross considerava que as teorias de Freud teriam aclarado os fatores causadores das repressões em uma civilização decadente; tal civilização, em Nietzsche, evidenciava a preponderância dos valores negativos e contrários à vida humana, o que demandava novos princípios morais ou até mesmo a sua abolição completa. Por que não, pensaria Gross, estabelecer o “imoralismo sexual” como uma “nova norma moral”, que livraria os homens das doenças nervosas e os levaria a atingir o tão esperado “estado de saúde” imaginado por Nietzsche?

Ocorre que, na visão de Jung expressa no final da citação, essa correlação entre Freud e Nietzsche é um tanto exagerada e equivocada, considerando a moda do curto-circuito sexual contrária a qualquer princípio civilizatório.

### **3.2 – Freud e Gross: expectativa e frustração**

Na carta de 25 de fevereiro de 1908<sup>34</sup>, Freud fez um de seus mais célebres elogios àqueles por ele considerados seus mais promissores discípulos – Gross e Jung -, e que mais tinham a agregar conhecimento à Psicanálise. Assim, disse Freud (1908/1979): “O senhor [Jung] é o único capaz de dar uma contribuição original; excetuando-se talvez O. Gross, mas a saúde dele, infelizmente, não ajuda”. (p. 171)

A partir desse momento da correspondência, percebe-se que Freud começa a alimentar uma ambígua disposição sobre Otto Gross: uma mistura de expectativa e frustração. Afinal, se Gross é visto conjuntamente com Jung como um daqueles de seus seguidores que podem somar novas contribuições à Psicanálise, Freud demonstra esperança de que Gross, cuja inteligência já reconheceu, seja no futuro um de seus principais continuadores.

---

<sup>34</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 74F.

Porém, ao mesmo tempo que Freud relata a Jung essa expectativa (que também é estendida claramente a Jung, seu interlocutor) sobre Gross, logo em seguida demonstra sua decepção e pesar com a condição de saúde de Gross. Não à toa, a partir desse ponto da correspondência, Freud demonstrará uma frequente preocupação com o encaminhamento da análise de Gross com Jung.

Tal situação é verificada na carta de 19 de abril de 1908<sup>35</sup>, em que Freud escreve a Jung:

No mais, não esqueçamos de falar também sobre Otto Gross; ele precisa urgentemente de sua ajuda médica; que pena, um homem tão talentoso, tão decidido! Está viciado em cocaína e, talvez, já na primeira fase de uma paranoia tóxica de cocaína. (FREUD, 1908/ 1979, p. 186)

Vemos aqui a repetição do elogio de Freud ao talento de Gross, em contraste com sua preocupação relativa à condição de saúde que, naquele momento, se agravava em razão da dependência química de Gross.

Essa carta foi escrita por Freud a Jung às vésperas do Congresso de Psicanalistas Salzburg em 1908, evento no qual Freud teria criticado Gross por seus posicionamentos além da ciência<sup>36</sup> (GREEN, 1977) e demonstrado rejeição às primeiras ideias externadas por Gross nessa conferência.

Em outro momento da correspondência, praticamente um mês depois da carta citada anteriormente, mais precisamente na carta de 29 de maio de 1908<sup>37</sup>, Freud volta a mencionar a Jung esse misto de preocupação e esperança:

Apesar de muito impaciente durante a longa espera de sua carta (ação sintomática: rasguei um pedaço dela ao abri-la), dei-me a explicação certa para seu silêncio. E não posso lamentá-lo: Gross é um homem tão valioso, tão inteligente, que seu trabalho deve ser considerado um benefício à sociedade. Seria ótimo se essa análise viesse a ser o começo de uma amizade e da colaboração entre vocês dois. Devo dizer que me surpreende a rapidez com que os mais moços trabalham — eu não faria um trabalho desses em apenas duas semanas. Mas o julgamento que se faz de um homem está fadado a ser incerto enquanto ele recorrer a drogas para superar as próprias resistências. (FREUD, 1908/ 1979, p. 200-201)

Tal como na outra carta, observa-se que Freud julga Gross como alguém dotado de altíssima capacidade intelectual e o considera como alguém capaz de prover benfeitorias ao círculo social. Porém, tais aspectos positivos são contrastantes com as

---

<sup>35</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 84F

<sup>36</sup> Conforme citado no capítulo 1.

<sup>37</sup> Ver MCGUIRE (1979), carta 26F.

observações finais, quando Freud explicita a incerteza do destino de Gross face à sua dependência química e da evolução do processo analítico.

Além disso, um novo aspecto dessa citação é a esperança de Freud em que o trabalho de análise de Gross com Jung levasse os dois à formação de uma relação amistosa e colaborativa, de modo a promover não somente condições favoráveis à recuperação de Otto Gross como também o fortalecimento da própria Psicanálise. Afinal, Freud, como mostrado anteriormente, depositava em Jung e em Gross a expectativa de que ambos fossem seus continuadores no projeto psicanalítico.

### 3.3 – As críticas de Freud a Gross: afastamentos e aproximações

Curiosamente, no mesmo ano em que se concentrou o “assunto Gross” na correspondência com Jung, Freud lançou uma obra que versava sobre a questão da moralidade e da sexualidade: trata-se de “*Moral Sexual Civilizada e Doença nervosa moderna*”, de 1908. Teria sido Freud influenciado por Otto Gross? Seria a temática lançada no *Moral Sexual* algo sobre o qual Freud se debruçou a partir dos contatos com a obra de Gross?<sup>38</sup>

É sabido que Freud já tratara, desde os seus primeiros escritos, das questões sexuais. Porém, é apenas em 1908 que a relação da sexualidade com a moralidade é abordada de uma forma mais extensa e sistemática, referenciando-se a questões sociais que serão uma tônica dos trabalhos finais de Freud.

No texto da *Moral Sexual*, Freud expõe claramente sua concepção acerca da moralidade sexual e do erotismo. Vejamos um trecho:

Nossa civilização repousa, falando de modo geral, sobre a supressão dos instintos. Cada indivíduo renuncia a uma parte dos seus atributos: a uma parcela do seu sentimento de onipotência ou ainda das inclinações vingativas ou agressivas de sua personalidade. Dessas contribuições resulta o acervo cultural comum de bens materiais e ideais. Além das exigências da vida, foram sem dúvida os sentimentos familiares derivados do erotismo que levaram o homem a fazer essa renúncia, que tem progressivamente aumentado com a evolução da civilização. Cada nova conquista foi sancionada pela religião, cada renúncia do indivíduo à satisfação instintual foi oferecida à divindade como um sacrifício, e foi declarado ‘santo’ o

---

<sup>38</sup> Essas hipóteses não se constituem em mera especulação, mas podem possibilitar vislumbrar fatores da constituição da epistemologia freudiana. No texto do *Moral Sexual*, Freud faz várias referências a outros pensadores (Von Ehrenfels, W. Erb, Von Krafft-Ebin), que desenvolveram teorias sobre a sexualidade e suas relações com a moral, mas não faz menção alguma a Otto Gross.

proveito assim obtido pela comunidade. Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um ‘criminoso’, um ‘*outlaw*’, diante da sociedade — a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um ‘herói’. (FREUD, 1908/ 1976, p. 192).

Na citação acima, em resumo, Freud apresenta a civilização como promotora da repressão dos instintos sexuais e eróticos, e destaca os ganhos culturais oriundos deste processo, enaltecendo o papel da família e da religião na constituição da civilização. Além disso, Freud também ressalta o *locus* marginal daqueles que não conseguem submeter-se aos mecanismos de repressão sexual e, assim, subvertem a moral sexual civilizada.

Nesse sentido, podemos observar que neste trecho<sup>39</sup> Freud aborda a questão do erotismo e da sexualidade num sentido inverso daquele desenvolvido por Gross. Enquanto Gross defendia a liberação sexual como meio de obtenção de saúde nervosa e classificava a presença de elementos civilizatórios recalcantes como indicadores de uma crise cultural, Freud, neste momento do texto, afirma que os efeitos da repressão eram responsáveis por toda uma gama de conquistas da vida em sociedade; desenvolve, portanto, uma teoria que compreende o sentido de existência dos mecanismos de repressão, ainda que os mesmos tragam inexoravelmente o desenvolvimento de doenças nervosas.

Essa visão de Freud pode ser o indício de uma crítica indireta e anônima em relação a Gross. Como dito em nota, não há qualquer menção direta de Freud a Gross no texto mas, num exercício interpretativo, talvez Freud esteja se referindo a Gross ou a outros que formularam teorias sobre a moralidade sexual, quando cita a ineficiência e incompletude das outras teorias:

A meu ver, a deficiência destas e de outras teorias semelhantes está, não em sua imprecisão, mas no fato de se revelarem insuficientes para explicar as peculiaridades dos distúrbios nervosos, e de ignorarem justamente o fator etiológico mais importante (FREUD, 1908/ 1976, p. 190-191).

Além disso, Freud também aborda ao longo do texto uma questão discutida e tratada com especial atenção pelas teorias libertárias e defensoras da plena satisfação erótica: a validade do casamento moderno. A saber, Freud promoverá uma notável análise dos efeitos que o matrimônio causa na saúde psíquica dos indivíduos, bem como

---

<sup>39</sup> Neste momento do texto, Freud está fazendo uma espécie de “elogio” da repressão, mas a tônica do texto é a crítica ao excesso da repressão e ao recrudescimento das exigências morais.

os reflexos gerados pelas ações da repressão instituídas *via* moralidade sexual, institucionalizada através do casamento monogâmico. Nas palavras de Freud:

Isso nos leva ao problema de determinarmos se as relações sexuais no casamento legítimo podem oferecer uma total compensação para as restrições impostas antes do casamento. (...) Acima de tudo, não devemos esquecer que a nossa moral sexual restringe as relações sexuais mesmo dentro do casamento, pois em geral obriga o casal a contentar-se com uns poucos atos procriadores. (...) A desilusão espiritual e a privação física a que a maioria dos casamentos estão então condenados recolocam os cônjuges na situação anterior ao casamento, situação que é agora ainda mais penosa pela perda de uma ilusão, e na qual devem mais uma vez apelar para suas energias a fim de subjugar e defletir seu instinto sexual. (FREUD, 1908/ 1976, p. 199).

Entretanto, ainda que Freud tenha sido um crítico de Otto Gross e de outras teorias que pressupunham interpretações da moralidade sexual num sentido inverso ao seu, nessa questão do matrimônio é possível vislumbrar muito mais proximidade do que afastamento entre Freud e Gross.

Como já apresentado no capítulo I, o anarquismo sexual proposto por Gross defendia a ruptura com os valores do casamento tradicional e da fidelidade conjugal, pois estes eram considerados reminiscências de valores morais presentes em uma sociedade em crise que afetava a saúde psíquica dos indivíduos. Dessa forma, a liberação anárquica de todo e qualquer tipo de mecanismo repressor da sexualidade era vista como meio eficiente de alcance da saúde nervosa. Freud também se debruça exatamente sobre essa questão no *Moral Sexual Civilizada*, tratando de abordar os males psíquicos derivados do processo de matrimônio e de como tais males ocasionam perdas aos indivíduos. Afinal “se uma sociedade paga pela obediência a suas normas severas com um incremento de doenças nervosas, essa sociedade não pode vangloriar-se de ter obtido lucros à custa de sacrifícios; e nem ao menos pode falar em lucros” (FREUD, 1908/ 2006, p. 98). Eis que nesse ponto Freud e Gross se aproximavam teoricamente. Não à toa, Freud valorizava Gross como um de seus discípulos mais geniais e originais.

Apresentada, portanto, a visão de Freud, veremos adiante como as suas críticas e concepções se comparam com a visão de Weber sobre Gross.

## Capítulo 4 – Freud e Weber

### 4.1 - Weber e sua visão sobre a obra de Freud: crítica e admiração.

De início, vale ressaltar que ao longo da carta, Weber estabelece uma clara distinção entre as críticas dirigidas a Gross comparadas às feitas a Freud. Para Weber, Freud possui em suas teorias pontos com os quais o sociólogo e economista alemão não concorda; porém, diferentemente do que acontece com Gross, os princípios da psicanálise são elaborados por um especialista (no caso, Freud). Além disso, para Weber, Freud não avança, como faz Gross, além da seara de seu campo de pesquisa; tampouco “confunde” a esfera científica com a esfera política tornando-se, assim, respeitável do ponto de vista científico e acadêmico.

Veremos adiante que Weber realiza uma análise sobre Freud composta por “dois movimentos”: críticas e elogios. Assim, ao mesmo tempo em que aponta equívocos nas teorias e nos métodos de Freud, Weber também reconhece os ganhos e descobertas alcançadas pela Psicanálise.

Logo no início da carta enviada a Else Jaffé<sup>40</sup>, Weber apresenta uma primeira concepção sobre a obra freudiana:

As teorias de S. Freud<sup>41</sup>, que conheço agora também através de seus principais escritos, evoluíram muito ao longo dos anos (como ele mesmo reconhece), mas por mais que possa as julgar (como um profano), ainda não alcançaram sua formulação definitiva: conceitos importantes como, por exemplo, a “ab-reação”, foram reencontrados há pouco, mutilados e ocultos até desaparecerem totalmente (na *Zeitschrift fur Religionpsychologie*<sup>42</sup> – digamos primeiramente que se trata de um vomitivo feito de uma mistura entre “Deus” e de diversos ingredientes eróticos pouco apetitosos, como gostaria de destacar). (WEBER, 1907/ 2005 p. 126-127)

Na citação, Weber tece algumas considerações significativas acerca da obra de Freud, a saber, um inicial reconhecimento da evolução das teorias freudianas ao

---

<sup>40</sup> A referida carta é a mesma utilizada na observação das críticas de Weber a Gross. Como dito anteriormente, nessa carta de 13 de setembro de 1907 a Else Jaffé, Weber demonstra suas visões a respeito da obra de Freud.

<sup>41</sup> Weber se refere aqui às principais obras freudianas até o momento de escrita da carta, a saber: “Estudos sobre a Histeria” (1895), “A Interpretação dos Sonhos” (1900), “Psicopatologia da Vida Cotidiana” (1904), “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (1905), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905) e “Coleção de pequenos textos sobre a Neurose” (1906).

<sup>42</sup> “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1908)

entender que as mesmas estão em pleno processo elaboração. Weber, como um grande defensor da ciência e da racionalidade, demonstra simpatia à obra de Freud ao comentar este aspecto evolutivo da obra psicanalítica.

No entanto, tomando como exemplo a “ab-reação”, Weber inicia uma crítica ao apresentar importantes conceitos da obra psicanalítica, que foram mutilados a partir da publicação das conclusões de Freud sobre as relações entre a religiosidade e as ações neuróticas. Sobre este aspecto, inclusive, vemos que Weber critica de forma áspera a Psicanálise ao referir-se às relações observadas por Freud entre religiosidade e obsessividade como um “vomitivo”, ou seja, uma repugnante e asquerosa mescla entre os valores religiosos e valores eróticos que, na concepção de Weber não são plausíveis.

Curiosamente, apesar das primeiras críticas que Weber faz a Freud, suas observações sobre a psicanálise e a obra freudiana são, também, positivas, pois, logo em sequência na carta, Weber assevera:

No entanto, não há dúvida que os pensamentos de Freud podem se revelar fonte de interpretação de enorme importância para toda uma série de fenômenos que se remetem à história cultural - e mais precisamente à história das religiões e da moral - mesmo se, avaliados a partir da posição de observação de historiador da cultura, esses pensamentos têm um significado bem menos universal e deixam transparecer o cuidado, o que é compreensível e a alegria da descoberta que Freud e seus discípulos compartilham. (WEBER, 1907/ 2005, p. 127)

Percebe-se que Weber valoriza em grande escala a obra freudiana. Não raro, como no trecho citado, a coloca como capaz de elucidar problemáticas próprias da cultura, como as manifestações da religiosidade e da moralidade. Todavia, o que aparentemente incomoda Weber na sua análise da obra de Freud não são as teorias em si, mas a maneira ou o método no qual Freud se baseia para a formulação de suas teses.

Talvez um dos aspectos mais negativos da obra freudiana, segundo Weber, seja o uso dos casos clínicos como eventos de validade universal, pois, em seu prisma, tais casos consistiriam em eventos particulares e dotados de uma dinâmica marcada pela observação feita a partir da relação transferencial (entre analista e paciente), de modo a estabelecer, assim, uma visão subjetiva e permeada por valores individuais.

Weber, como já comentado na introdução deste trabalho, era um teórico que apresentava elevada preocupação com os métodos objetivos de investigação científica. Segundo Cohn (2003), a proposta weberiana para a ciência consistia na formulação de

modelos típico-ideais que permitissem uma análise racional da realidade objetiva de modo a evitar erros de análise e formulações teóricas baseadas em juízos de valor.

Por conseguinte, se a obra de Freud se baseava em teorias fundadas a partir de casos clínicos, para Weber esse aspecto consistia numa problemática que a própria Psicanálise deveria dar conta de solucionar: estabelecer um método no qual os aspectos particulares não sejam transformados de modo automático em universais e abstando-se de impressões impregnadas do juízo de valor de quem formula as teorias. Esta preocupação crítica é verificada em outro momento da carta. Nas palavras de Weber:

A condição preliminar seria a criação de uma casuística exata de uma amplitude e de uma credibilidade tal que não existe atualmente, apesar de todas as afirmações proferidas, talvez dentro de duas ou três décadas. Basta acompanhar todas as modificações feitas por Freud em uma década e a que ponto, apesar de tudo, seu material ainda permanece fortemente restrito (o que é perfeitamente compreensível, e não é de modo algum uma crítica). (WEBER, 1907/2005, p. 127).

No trecho citado, ao criticar a Psicanálise, Weber acaba, em certo sentido, apontando para os elementos que considera negativos, como a inexatidão de suas teorias que lhe prejudicam a confiabilidade científica. Recomenda a criação de uma “casuística exata”, de amplitude e credibilidade até o momento inexistentes. Entretanto, Weber apresenta, em sequência, a esperança de que a obra freudiana possa, num breve futuro, criar inovadores métodos e pressupostos baseando-se na própria evolução da Psicanálise e nas mudanças promovidas por Freud nos últimos anos.

Em outro trecho da carta, Weber volta a apresentar a desconsideração da clínica dirigindo sua crítica aos aspectos éticos consequentes do processo de análise. Tal como também mencionado na introdução deste trabalho, bem como nas críticas promovidas por Weber a Otto Gross, Weber se empenhou na observação das relações entre ética e ciência a ponto de justificar a necessidade de uma delimitação entre os campos da ciência e aquela que compreendem os valores pessoais – a ética e a política<sup>43</sup> (COHN, 2003). Vejamos como Weber estabelece suas críticas:

O confessor, "a cura das almas" e o sermão à antiga não visavam uma tarefa diferente dessa e os procedimentos da cura freudiana não são nada mais do que a retomada da confissão - com uma técnica ligeiramente diferente. Salvo que a finalidade aqui é ainda bem menos "ética" do caso das indulgências de

---

<sup>43</sup> Para saber mais a respeito das ideias de Weber acerca da esfera científica e a política, ver a compilação das palestras realizadas por Weber supostamente entre 1917 e 1918, publicadas sob o título “Ciência e Política: duas vocações”.

Tetzel 44. Para aquele que mente a si mesmo, (quer enganar-se) e que desaprendeu a recordar de coisas que deveria ter vergonha em sua vida e que pode muito bem, quando quer, em grande parte facilmente reencontrar - isto dito contra Freud - , se deitar durante seis meses (um período mínimo segundo Freud!) no divã e deixar as vivências "infantis" ou vergonhosas que reprimiu, voltar a sua consciência, não lhe seria de nenhuma ajuda ética - sempre no confessor secreto do médico! (em relação ao aspecto higiênico da coisa, o que não faz parte dessa discussão, sendo franco, seria muito mais duro e problemático para mim). (WEBER, 1907/ 2005, p. 129-130).

Vemos na citação que Weber critica o processo clínico-analítico ao compará-lo aos eventos de confissão na religião. Para Weber, portanto, as técnicas freudianas não passariam de uma espécie de “confissão revisitada” na qual o analista desempenharia o papel de confessor e o analisando tomaria o papel daquele que confessa coisas “vergonhosas”, atingindo, assim, o alívio de seus males através da fala.

Tanto no trecho citado anteriormente como logo em sequência na carta, verifica-se outra forte crítica promovida por Weber ao concluir que o processo terapêutico nada traria de somatório ao aspecto ético. Nas palavras de Weber:

As curas de Freud podem ter, para ele, um valor higiênico, - mas não vejo o que poderia ganhar no plano ético, se eu pudesse reviver, por exemplo, qualquer extrapolação sexual ou um comportamento obsceno que a empregada tivesse, digamos, cometido comigo, que teria trejeitado" e "esquecido". Por que reconheço *en bloc*- e sem ter aí o sentimento de alguma coisa "horrrível", que absolutamente nada do que é simplesmente humano seria e tem sido estranho a mim, -portanto não descobriria em principio nada de novo. (WEBER, 1907/ 2005, p. 130)

Note-se que nesta citação, Weber utiliza-se do termo “valor higiênico”. Provavelmente, Weber está se referindo ao aspecto de saúde e de melhora psíquica que a Psicanálise e Freud acreditam poder promover. Porém, Weber deixa claro que os benefícios alcançados com a análise clínica não trazem ganhos de outra ordem, no caso, o aspecto ético. Aliás, aparentemente Weber acreditava que a terapia era algo desnecessário, principalmente para ele próprio.

Entretanto, apesar de Weber se dirigir criticamente à Psicanálise e aos seus métodos, percebemos através de uma análise comparativa entre o pensamento weberiano e o freudiano uma instigante proximidade.

---

<sup>44</sup> Johann Tetzel [1465 - 1519] foi um monge dominicano que se destacou durante o início da modernidade ao empreender uma ampla campanha de arrecadação de recursos através da venda de indulgências para viabilizar a construção da Basílica de São Pedro no Vaticano. A venda de indulgências de Tetzel teria estimulado Martinho Lutero a formular as suas “95 teses” e iniciar o movimento protestante.

## **4.2 – As convergências e as divergências entre Freud e Weber nas críticas a Otto Gross.**

Após a observação das ideias e dos aspectos da vida de Otto Gross depois da análise das imagens que Max Weber e Sigmund Freud tinham de Otto Gross, bem como da visão de Weber sobre a Psicanálise, cabe a partir de agora um trabalho comparativo entre as concepções e críticas tecidas por Weber e Freud a fim de evidenciar possíveis similitudes e disparidades entre as ideias destes pensadores.

Em primeiro lugar, um aspecto comum entre Freud e Weber nas opiniões sobre Gross consiste não uma visão crítica, mas sim, uma admiração pela capacidade intelectual de Otto Gross. Ambos reconheciam a genialidade do psiquiatra alemão a ponto de Freud, como já dito, considerá-lo um dos possíveis continuadores, em conjunto com Jung, do projeto psicanalítico e reconhecido como um homem dotado de inteligência ímpar. Como visto, em razão disto, Freud lamentava o estado psíquico de Gross, mas ainda depositou, por algum tempo, esperanças que sua recuperação pudesse por em prática o projeto arquitetado por Freud em relação a seu futuro e o da Psicanálise.

Weber, por sua vez, via a figura de Otto Gross como alguém muito estimado e carismático. Na carta a Else Jaffé, inclusive, Weber chega a mencionar os aspectos positivos de Gross ao valorizar outros trabalhos e distanciar suas críticas teóricas das impressões pessoais que desenvolveu sobre Gross:

Essa crítica se refere a esta contribuição específica, - sei muito bem como são avaliados por pessoas qualificadas os outros trabalhos do mesmo autor. Ela não se refere absolutamente - digamos claramente - sobre a pessoa do autor e seus traços específicos. O fato não compartilhar nunca da mesma linguagem não me levaria a desconhecer, segundo minha breve impressão e segundo seus relatos, sua natureza aristocrática, que é sem dúvida um dos mais amáveis que poderíamos encontrar hoje em dia. (WEBER, 1907/ 2005, p. 131).

Todavia, em segundo lugar, tanto Freud quanto Weber desaprovavam as condutas amorosas e eróticas praticadas por Otto Gross no plano pessoal, bem como no uso do elemento erótico na formulação de suas teorias anarquistas. Segundo Schwentker (1996, p. 168-169), “ambos, Weber e Freud, se opunham à tentativa de Gross instrumentalizar o conhecimento médico-científico visando mudar a sociedade”.

Dessa forma, os dois teóricos, Freud e Weber, se enquadravam numa esfera comum de não aceitação da mescla entre princípios científicos e condutas pessoais e políticas. Ainda que Freud não tenha feito qualquer menção a Weber em sua obra, vemos que Freud se aproximava, naquele momento, do sociólogo alemão ao criticar a “confusão” promovida por Gross ao desenvolver uma teoria que vinculava a Psicanálise a uma teoria política do amor libertário. Da mesma forma, Weber, com a sua constante defesa da neutralidade axiológica (que visava afastar os juízos de valor da esfera científica), se aproxima de Freud na crítica às formulações teóricas de Gross.

Como dito anteriormente, Freud havia criticado os posicionamentos científicos de Gross durante o Congresso de Psicanalistas de Salzburg, em 1908, dizendo a Gross: “nós somos médicos e assim devemos permanecer” (FREUD, 1908, apud OLENHUSEN, 2011, p. 90), o que demonstra a rejeição de Freud, assim como Weber faz na carta ao justificar a recusa do artigo de Gross, à conciliação de posicionamentos políticos e prática científica. Weber escreveu:

Pois uma especialidade científica é uma técnica, ensina os meios técnicos. Mas lá onde debatemos valores, o problema se encontra projetado num outro nível de espírito, onde a ciência é ausente; mais precisamente, entramos num questionamento totalmente heterogêneo (WEBER, 1907/ 2005, p. 131)

Não raro, esse aspecto “especializado” de Freud, ou seja, não ultrapassar a barreira de sua ciência, foi muito bem avaliado por Weber, valorizando suas teorias exatamente por esse detalhe. Aliás, esse aspecto da especialização do trabalho freudiano parece ter sido o grande atrativo presente na obra de Freud que levou Weber a um contato mais “formal” com a Psicanálise.

Como bem observou Pierucci (1998), Max Weber valorizava o trabalho de Freud por ter sido capaz de tratar das questões sexuais e eróticas de modo a transformá-las em objeto de estudo científico e ter sido capaz de romper uma visão acerca da sexualidade, que a concebia como uma mera ação humana desprovida de sentido. Assim, segundo Pierucci (1998):

O freudismo — e tudo parece indicar que Max Weber levava muito a sério o projeto de Freud — daria fim àquele arrastado começo, do qual a sexualidade humana parecia despontar alvissareira, inflada por uma nova utopia terrena de autoconhecimento e autorrealização, arrebatada enfim na transparência de seu inevitável destino: o de abrir-se à demanda incondicional de um modo de

vida radicalmente humano, não importa se "demasiadamente humano"<sup>45</sup>. (p. 2).

Não obstante, talvez pelo contato com a obra freudiana e por ter circulado pelo mesmo meio intelectual e pessoal que Otto Gross (GREEN, 1977) no final de sua vida e obra, Max Weber desenvolverá uma singular abordagem das questões do erotismo e da sexualidade. Sobretudo no texto “*Reflexão intermediária – (teoria das) rejeições religiosas do mundo e suas direções*” (1915)<sup>46</sup>, Weber realiza o estudo das religiões orientais e insere a questão da sexualidade e do erotismo ao abordar as relações surgidas do conflito entre religião e sexo na sociedade ocidental.

Em linhas gerais, Weber (1915/ 1982) concebe que a sociedade moderna promove um conflito gerado pelas repressões religiosas às práticas sexuais. Nesse contexto, a religiosidade que pressupõe uma ética fundada em seus valores, passará a condenar a livre atividade sexual, transformando o gozo pelo gozo, ou o sexo pelo sexo, como algo que se assumiu reprovável em meio a um contexto de predominância de uma ética religiosa e racional<sup>47</sup>.

Weber pondera que o sexo, diante das dinâmicas de liberação sexual verificadas no início do século XX (e que encontram seu ápice a partir deste processo de racionalização), adquire um novo valor. Assim, o sexo e o erotismo passariam a ter, dentro da sociedade moderna ocidental e racionalizada, um novo sentido ou esfera de valor: o sentido de salvação.

Com isso, a chamada “erótica weberiana” consistiria no desenvolvimento de uma visão que concebe o sexo e o erotismo como esferas de valor próprias, distantes, portanto da esfera ética. O sexo e o erotismo assumem, pois, uma forma de salvação intramundana (Pierucci, 1998), ou seja, um caminho para se desvencilhar das amarras que prendem o homem moderno e racional em um processo de *desencantamento do mundo* que Weber classificou metaforicamente como uma “jaula de ferro”. Afinal, se a “eticização do sexo” racional e religioso causa conflitos nos indivíduos e colabora para o seu *desencantamento*, o estabelecimento de um novo valor para o sexo que projeta no

---

<sup>45</sup> No sentido nietzschiano do termo, referindo-se a obra de Nietzsche “Humano, demasiado humano” (1878).

<sup>46</sup> Título original em alemão “*Zwischenbetrachtung*”. Segundo Pierucci (1998, p. 3), existem diversas traduções do sentido do título. Utilizo a versão predominante nas traduções inglesa e portuguesa.

<sup>47</sup> Para Weber, os princípios da ética religiosa estavam presentes na formação dos valores da sociedade capitalista racionalizada. As primeiras observações feitas por Weber, nesse sentido, surgem de suas análises econômicas do capitalismo ao vincular a ética protestante e o processo de consolidação capitalista que foi bem tratado em um dos livros clássicos da Sociologia weberiana “A ética protestante e o espírito do capitalismo” (1905)

próprio sexo a capacidade de se transformar em um meio capaz de promover a salvação intramundana (que na religião é extramundana).

Ora, se considerarmos, por exemplo, o casamento como uma das representações desta ética religiosa a que Weber se refere como causadoras destes conflitos nos indivíduos, veremos que, neste ponto, Weber se aproxima das concepções que haviam sido formuladas por Freud no texto da *Moral Sexual Civilizada*, de 1908. Como apresentado no capítulo 3, neste texto Freud aborda os elementos causadores da doença nervosa moderna e, entre tais elementos, destaca o papel do matrimônio indissolúvel e monogâmico como um dos fatores promotores de abalos psíquicos.

Portanto, após esse esboço de comparação entre o pensamento de Freud e Weber, pode-se afirmar que ambos convergiam na elaboração de observações críticas dos paradigmas da modernidade. Não à toa, Sigmund Freud e Max Weber se transformaram em dois dos pensadores que mais alteraram o curso de teórico de interpretações do mundo moderno e lançaram bases para que novos modelos pudessem ser formulados.

Cabe a nós, a partir de agora, continuar esse projeto e perseverar na atividade de investigação dos dilemas trazidos pela modernidade e que foram sabiamente questionados por figuras geniais como as de Weber e Freud.

## Considerações finais

Após o trabalho de pesquisa e elaboração desta monografia, creio que alcancei um significativo crescimento pessoal e intelectual em razão do contato com um outro discurso – no caso, a Psicanálise – que até então era uma lacuna em minha formação humanística. Consequentemente, é válido ressaltar que a apropriação de um conhecimento sobre a esfera da subjetividade, ainda que em pequena escala, agrega múltiplas formas de análise na formação de um cientista social.

A partir da escolha da temática de pesquisa bem como durante o processo de levantamento bibliográfico e a conseqüente escrita do trabalho, foi possível perceber o quão vasta esta temática se apresentava.

No que se refere às relações entre a Sociologia e a Psicanálise, é fundamental relembrar que as áreas observam o fenômeno humano a partir de enfoques diferentes. Porém, se tivéssemos um maior contato entre as áreas, poderíamos dinamizar as interpretações do fenômeno humano permitindo, assim, o livre trânsito de ideias e interpretações de modo a colaborar na compreensão da modernidade. Assim, este trabalho monográfico se configura numa tentativa, ainda que modesta, de entabular esse diálogo entre áreas - diálogo que pode e deve ser ainda muito mais desenvolvido.

Em primeiro lugar, a vida e a obra de Otto Gross estiveram de certa forma, marginalizadas dentro do campo psicanalítico. Nos últimos anos, em decorrência de uma maior difusão do individualismo e das conseqüentes mudanças de concepção e vivência das questões sexuais, figuras como Otto Gross tendem a ser resgatadas.

Em segundo lugar e mais importante, esta pesquisa foi capaz de trazer à tona uma centelha de um campo de pesquisa que se mostra amplo e repleto de possibilidades. Afinal, a partir de um primeiro levantamento bibliográfico assim como de um esboço inicial de um riquíssimo ambiente cultural germânico de circulação de idéias, as relações entre Freud e Weber desponta como um instigante objeto de estudo.

Vimos, através desta pesquisa, que é possível um diálogo entre as ideias destes pensadores a partir das relações entre a racionalidade e os seus efeitos psíquicos, passando pela questão da erótica weberiana e seus vínculos com a Psicanálise.

Portanto cabe, a partir de agora, o desafio de trilhar um outro caminho de dedicação e trabalho que permita aprofundar esta temática de pesquisa de modo a

colaborar com o crescimento e desenvolvimento tanto da Psicanálise como das Ciências Sociais.

## **Bibliografia**

AVIGDOR, Renée; SANTOS, Yumi Garcia; PIERUCCI, Antonio Flávio. Ciência e visão de mundo - apresentação da carta de Max Weber a Else Jaffé de 13 de setembro de 1907. *Revista Plural – Revista do Departamento de Sociologia da USP*, nº 12, 2005: p. 121 – 131.

BEZERRA JR, Benilton. Subjetividade moderna e o campo da psicanálise. In: BIRMAN, Joel (org.). *Freud – 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 219 – 239.

BIRMAN, Joel. *Estilo e Modernidade em Psicanálise*. São Paulo, Editora 34, 1997.

BOEIRA, Nelson. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

COHN, Gabriel. (org.) *Max Weber: sociologia*. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 13)

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Freud e a imaginação sociológica moderna. In: BIRMAN, Joel (org.). *Freud – 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 199 – 218.

FIGUEIREDO, Vilma. "A ciência da sociedade" (25º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – Anpocs, 2001). Disponível em: <<http://www.anpocs.org.br/>>. Acesso em: 5 jul. 2006.

FREUD, Sigmund.(1908) Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

\_\_\_\_\_ (1933) Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GREEN, Martin B. *The von Richthofen Sisters: the Triumphant and the Tragic Modes of Love. Else and Frieda von Richthofen, Otto Gross, Max Weber and D.H. Lawrence, in the Years 1870 – 1970*. New York, Basic Books, 1977.

\_\_\_\_\_. *Mountain of Truth: The Counterculture Begins. Ascona, 1900-1920*. Hanover, NH: University Press of New England, 1986.

JOHNSTON, William M.. *The Austrian Mind – An intellectual and Social History 1848-1938*. Berkeley/ Los Angeles - CA: University of California Press, 1984.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J. B., *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MCGUIRE, William (org.). *Freud/ Jung – Correspondência completa*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

OLENHUSEN, Albrecht Götz von. Sigmund Freud, Max Weber and the sexual revolution. In: HEUER, Gottfried. (org) *Sexual Revolutions: Psychoanalysis, Hystory and the Father*. New York, Routledge, 2011: 89-103.

PENNA, Antonio Gomes. *Freud, as ciências humanas e a filosofia*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos de um conceito*. São Paulo, Editora 34, 2003.

\_\_\_\_\_. *O sexo como salvação neste mundo: a erótica weberiana nos Ensaios Reunidos de Sociologia da Religião*. São Paulo: VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 1998.

SCHORSKE, Carl E.. *Viena Fin-de-Siecle – Política e Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras/ Editora da Unicamp, 1990.

SCHWENTKER, Wolfgang. A paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº 32, ano 11, outubro, 1996: p. 163-176.

WEBER, Max. (1917/1918?) *Ciência e Política: duas vocações*. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1983.

\_\_\_\_\_ (1905) *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1985.

\_\_\_\_\_ (1907) Carta a Else Jaffé de 13 de setembro de 1907. *Revista Plural – Revista do Departamento de Sociologia da USP*, nº 12, 2005: p. 126 – 131.

\_\_\_\_\_ (1915) Rejeições religiosas do mundo e suas direções. In: GERTH, H.H. & MILLS, C.W. (orgs) *Ensaio de Sociologia*. 5ª ed. Rio de Janeiro, Ed. LTC, 1982

## Anexos

### Anexo I - Max Weber - Carta à Else Jaffe de 13 de setembro de 1907

Heidelberg, 13 de setembro de 1907

Cara Doutora,

Devolvo-lhe, em anexo, a cópia do ensaio de Dr. Gross com a opinião de não publicá-lo na *Archiv*, - acrescento, contudo que caso insista em sua aceitação, estarei disposto a ser posto em minoria diante de seu marido e de Sombart. Quanto a mim, não posso - *em hipótese alguma* - votar a seu favor.

O mais simples seria que eu mesmo comunicasse ao Dr. G[ross] os meus motivos. Mas, *cui bono?* Sei perfeitamente que nesse conflito de opinião, como em *todos* os outros casos, lhe pareço apenas, *não importam* as explicações que eu lhe der, prisioneiro das "convencões"- seria por causa do tipo de terminologia à qual me detenho - ainda assim "de propósito" - e sei muito bem que minha ética lhe parecerá *necessariamente* equivalente à ética "convencional" ou a certas proposições desta última. Não posso mudar nada com relação a isso, inclusive diante de alguém cujo valor *como homem* estimo muito, o que é o caso de Dr. Gross, pois isso exigiria me lançar nas vastas confrontações orais ou escritas, às quais infelizmente não estou - como V. Sa. sabe muito bem - em condições de me submeter. E agindo como tal, precisaria também estar pronto a ser ofensivo - preferimos todos, hoje em dia, ouvir que somos "monstros éticos em nossas teorias", antes que "simples mestres da confissão". Ora, Dr. Gross me parece pertencer a este grupo, - *quando* se expressa fora dos limites de sua *especialidade* e que se deixa influenciar pelas "visões de mundo", em suma quando assume a postura de "naturalista" e não mais de "pesquisador em ciências da natureza". Sob o risco de passar por um fariseu (hipócrita), não apenas ética, mas também intelectualmente, minha honestidade me obriga a dizer tudo isso. Mas, naturalmente, preciso, ao menos brevemente, me explicar.

As teorias de S. Freud, que conheço agora também através de seus principais escritos, evoluíram muito ao longo dos anos (como ele mesmo reconhece), mas por mais que possa as julgar (como um profano), ainda não alcançaram sua formulação definitiva: conceitos importantes como, por exemplo, a "ab-reação", foram reencontrados há pouco, mutilados e ocultos até desaparecerem totalmente (na *Zeitschrft [ift] ffür Religionspsychologie* - digamos primeiramente que se trata de um vomitivo feito de uma mistura entre "Deus" e de diversos ingredientes eróticos pouco apetitosos, como gostaria de destacar). No entanto, não há dúvida que os pensamentos de Freud podem se revelar fonte de interpretação de enorme importância para toda uma série de fenômenos que se remetem à história cultural - e mais precisamente à história das religiões e da moral - mesmo se, avaliados a partir da posição de observação de historiador da cultura, esses pensamentos têm um significado bem menos universal e deixam transparecer o cuidado, o que é compreensível e a alegria da descoberta que Freud e seus discípulos compartilham. A condição preliminar seria a criação de uma *casuística exata* de uma amplitude e de uma credibilidade tal que *não* existe atualmente, apesar de todas as afirmações proferidas, talvez dentro de duas ou três décadas. Basta acompanhar todas as modificações feitas por Freud em uma década e a que ponto, apesar de tudo, seu material ainda permanece

fortemente restrito (o que é perfeitamente compreensível, e não é *de modo algum uma crítica*). Mas no lugar desse trabalho que, por necessidade, provém especificamente de um *especialista*, vemos os adeptos de Freud, em particular o Dr. Gross, se consagrarem de um lado às especulações metafísicas - esta afirmação seria certamente *muito* mal interpretada -, e de outro, o que é pior, à questão pueril em relação a uma ciência rigorosa: "será que isso se come?", isto é, não podemos com tudo isso fabricar uma "visão de mundo" de natureza *prática*. Seguramente não é um crime: *toda* nova descoberta científica ou técnica teve como consequência - que se trate de um caldo de carne desidratado ou das mais altas abstrações das ciências da natureza - cujo inventor acreditou ser aclamado por ser o inventor de novos *valores*, o reformador da "ética", da mesma maneira que por exemplo os criadores da fotografia colorida se acreditavam como reformadores da pintura. Não vejo nenhuma necessidade que essas roupas sujas, das quais não podemos escapar, fossem lavadas na nossa *Archiv. O Morgen* de Sombart ou o *Mutterschultz*) os servirão certamente como regalias.

Pois se trata realmente de "roupas sujas". O que mais teria a dizer de uma "ética" que, na terminologia de Dr. Gross, é demasiadamente indolente assumir que seu "ideal" não é outra coisa que uma *demonstração* de boa *saúde nervosa* totalmente banal? Uma ética que pretende dispensar toda e qualquer "norma" *provando* que conformar-se não é "confortável" para os nossos queridos pequenos nervos. E apesar de todos os protestos apaixonados que tal interpretação não poderia deixar de suscitar, teria que destacar que o conteúdo *ético* dessa "nova" doutrina *não vai mais longe*, não há nada de tangível nela, absolutamente nada além dessas pequenas burguesices. Se *toda* repressão dos desejos e dos estímulos carregados de afetos leva à "rejeição" - e a terminologia implica nessa afirmação absurda - e se a rejeição como tal é o mal absoluto (*soi disant* porque levaria a uma falsidade interior, ao "erro e à covardia", - na realidade porque do ponto de vista do *especialista* em *higiene dos nervos*, compreende, dependendo dos casos, o perigo da histeria, da neurose obsessiva, da fobia, etc.), essa ética dos nervos deveria então por exemplo exortar assim o Boer que luta por sua liberdade: "fuja, senão reprimirás teus afetos de angústia e terás que suportar eventualmente o "riso vermelho de L Andreiev". Essa ética só poderia exortar o marido ou o amante, ou então a esposa ou a amante, que, na troca muito rápida de seus parceiros sente ter um acesso de ciúmes: "deixe-os ab-reagirem como Otelo ou recorrendo ao um duelo ou mesmo de qualquer outra forma, tão hipócrita que seja, - é melhor ser "mesquinho" (do ponto de vista da nova ética sexual) do que combater esses acessos e de arriscar assim uma formação "delirante". Essa ética deve, no final das contas, ter a coragem de me aconselhar a dar vazão a abreação a qualquer movimento, tão bestial que seja, de meus desejos e de minha vida pulsional - isto é, procurar uma forma de *satisfação* adequada de uma maneira ou de outra a este movimento - sem a qual meus queridos pequenos nervos deveriam sofrer danos. Eis o que é de fato o puro ponto de vista - bem conhecido - de uma medicina boçal!

Será que me mostro injusto em relação à teoria de Dr. Gross? - Mas na página 9 (no meio) de seu ensaio, encontro *expressis verbis* a frase sobre os "sacrifícios" do *preço* da adaptação (isto é, a repressão dos "desejos" na perspectiva do respeito às "normas"), e esses "*sacrifícios*" são precisamente *em termos de saúde*. Antes de agir como acredito ser correto para a minha dignidade humana, exigir-se-á precisamente de mim, em outros termos, a mesquinharia de calcular "quanto custa?" e de me submeter à autoridade do *neurologista* para saber se o valor ético de minha ação vale o "preço". Isto feito, nos encontramos confrontados à seguinte afirmação ridícula: esses "preços" (as possíveis "rejeições", com suas consequências para a higiene) surgiram somente como resultado de minha crença em valores *absolutos*. (página 9)- Mas tenho profundas dúvidas se o Dr. Gross teria conhecimento (fosse mesmo confuso) do que

significa efetivamente "crer em valores absolutos" - mas passemos. Entretanto, é fundamental que uma ética "relativista" que se quer "idealista", tão logo ela pede ao homem concreto *querer* um valor que seja *válido* in concreto *para si mesmo*, e digamos *somente* para si mesmo, *somente* agora *nessa* situação, (portanto um valor "relativo" e "subjetivo"), é portanto fundamental que tal ética conduza exatamente às *mesmas* consequências em termos de "higiene". A menos que o "relativismo" consista em o que o indivíduo deve deixar de lado seu "ideal" "relativo" toda vez que a busca desse último lhe custe algo, isto é, talvez em termos de higiene pode lhe irritar. *Isso* seria na verdade um tipo de "idealismo" de botequim que eu não poderia aceitar, que, sem dúvida alguma, Dr. Gross não faria na prática. Qualquer que seja seu conteúdo *material*, podemos dividir todas as éticas em dois grandes grupos. De uma parte, aquelas que impõem ao homem, no plano principal, as exigências que geralmente não poderiam satisfazer, exceto em momentos de auge de sua existência, alvo de suas aspirações que, situadas no infinito, orientam sua ação: é a "ética dos heróis", De outra, aquelas que são suficientemente "modestas" para aceitar a "natureza cotidiana" do homem como o máximo de suas exigências: é a "ética do médio". Parece-me que somente a primeira categoria, "ética dos heróis", pode carregar o nome de "idealismo". Nessa categoria pertencem, tanto a ética do cristianismo antigo, em sua plenitude, como a de Kant. Todas as duas são fundamentadas na condenação pessimista, medida nos palmos de seus ideais, da "natureza" do indivíduo comum, e os "desvendamentos" freudianos, oriundos do plano do "inconsciente", *não* podem acrescentar sabe-se lá o que mais de "terrível". Mas na medida em que "a ética psiquiátrica" impõe apenas a exigência seguinte: "confesse a si mesmo o que é" e o que quis" - ela não traz absolutamente nenhuma *nova* exigência ética. O *confessor*, "a cura das almas" e o sermão à antiga não visavam uma tarefa diferente dessa e os procedimentos da cura freudiana não são nada mais do que a retomada da *confissão* - com uma técnica ligeiramente diferente. Salvo que a finalidade aqui é *ainda* bem menos "ética" do caso das indulgências de Tetzl. Para aquele que mente a si mesmo, quer enganar-se e que desaprendeu a recordar de coisas que deveria ter vergonha em sua vida e que *pode* muito bem, quando quer, em grande parte facilmente reencontrar - isto dito *contra* Freud - , se deitar durante seis meses (um período *mínimo* segundo Freud!) no divã e deixar as vivências "infantis" ou vergonhosas que reprimiu, voltar a sua consciência, não lhe seria de nenhuma ajuda *ética* - sempre no confessor secreto do médico! (em relação ao aspecto *higiênico* da coisa, o que não faz parte dessa discussão, sendo franco, seria muito mais duro e problemático para mim). As curas de Freud podem ter, para ele, um valor *higiênico*, - mas não vejo o que poderia ganhar no plano ético, se eu pudesse reviver, por exemplo, qualquer extrapolação sexual ou um comportamento obsceno que a empregada tivesse, digamos, cometido comigo, que teria "rejeitado" e "esquecido". Por que reconheço *en bloc*- e sem ter aí o sentimento de alguma coisa "horrível", que absolutamente nada do que é simplesmente humano seria e tem sido estranho a mim, -portanto, não descobriria *em principio* nada de novo.

Mas essa não é a questão e digo somente para chamar a atenção que o imperativo categórico: "Vá ao consultório de Freud ou ao nosso, de seus discípulos, para descobrir a *verdade* histórica sobre você e suas ações" é o *único* postulado *ético* que estou em condições de desvendar nesse ensaio e que é dito com brutalidade sob o risco de se passar por um "covarde" - este imperativo categórico não só trai da parte do psiquiatra e do "*directeur de l'âme*" profissional, na sua versão moderna, um "espírito de capela" bastante pueril, mas também se deprecia totalmente no plano "ético" pela mistura fatal que ele opera com as motivações puramente "higiênicas". Desse ensaio *moralizador* de A a Z, não posso extrair, como disse, nenhum outro postulado prático que o "dever de conhecimento de si sob assistência psiquiátrica". Onde se encontra apenas o mínimo

traço de alusão ao conteúdo destes valores novos, relativistas e *entretanto ideais*, os quais se devem fundamentar a crítica de valores "antigos", "senis"? Nós os procuraremos em vão. Por bons motivos: cada tentativa de esboço os exporia à *crítica* e mostraria que o problema (incluindo os perigos da "repressão"), longe de estar resolvido, é somente postergado. Uma ética *idealista*, que exige então "sacrifícios", que ademais não exclui a *responsabilidade*, não poderá nunca, de modo geral, produzir outros resultados. Não se trata, portanto de criticar uma ética a partir de um fundamento *externo* aos seus próprios ideais, - sem a qual nos colocamos no plano da redução mesquinha de "custos", e o ideal se torna então inevitável, como dizia, de exibir uma saúde normal e ser filisteus da macrobiótica, sob o controle medicinal.

Se Dr. Gross lesse o que escrevi (o que espero não acontecer), pensaria sem dúvida que suas ideias foram apresentadas de maneira terrivelmente "trivial". Certo! Transpuz deliberadamente para o nosso caro alemão "vulgar". Mas se elas parecem triviais, problema dele; é a consequência da confusão que ele faz entre um trabalho de pesquisa empírica de detalhe e um reformador entusiasta dos mais barulhentos. Esse ensaio no seu conjunto desaba literalmente sob o peso de puros julgamentos de valores e não tenho realmente nenhum respeito para uma suposta contribuição em ciências da natureza que não satisfaça à exigência da sobriedade e da objetividade, em suma, que não seja "ultrapassada de valores".

Essa crítica se refere a *esta* contribuição específica, - sei muito bem como são avaliados por pessoas qualificadas os outros trabalhos do mesmo autor. Ela não se refere absolutamente - digamos claramente - sobre a pessoa do autor e seus traços específicos. O fato não compartilhar nunca da mesma linguagem não me levaria a desconhecer, segundo minha breve impressão e segundo seus relatos, sua natureza aristocrática, que é sem dúvida um dos mais amáveis que poderíamos encontrar hoje em dia. Mas a nobreza de seu carisma pessoal e seu "acosmismo" do amor agiria de modo bem *mais pura* se este último, que o saúdo de malgrado, não estivesse recoberto sob a poeira de um jargão de especialista e de uma higiene de nervos confinada no espírito da capela, etc etc, e se o autor tivesse *a audácia* de ser o que ele é, - sem dúvida algo de diferente e de melhor que um epígono de Nietzsche. E ainda, não um epígono do que há de mais resistente em Nietzsche; a moral aristocrática, mas as partes *mais fracas* de Nietzsche, os complexos adornos biológicos, que ele acumula entorno de um centro completamente moralista de sua doutrina. Somente esta veia moralista e nada mais justifica o parentesco interno destes.

Pois uma *especialidade* científica é uma técnica ensina os meios *técnicos*. Mas lá onde debatemos valores, o problema se encontra projetado num outro nível de espírito, onde a ciência é ausente; mais precisamente, entramos num questionamento totalmente heterogêneo. Nenhuma especialidade científica e nenhum conhecimento científico, tão importante que seja, - e coloco, claro as descobertas de Freud nessa categoria, se elas se confirmam definitivamente -, não está livre de uma visão de mundo. Entretanto: um ensaio, que se quer um sermão - e que é um sermão ruim -, não tem lugar numa revista científica especializada. Eis as razões sobre as quais se baseiam meu voto.

(Retirado de: AVIGDOR, Renée; SANTOS, Yumi Garcia; PIERUCCI, Antonio Flávio. Ciência e visão de mundo - apresentação da carta de Max Weber a Else Jaffé de 13 de setembro de 1907. *Revista Plural – Revista do Departamento de Sociologia da USP*, nº 12, 2005: p. 121 – 131). Os itálicos foram mantidos como na publicação.